

"SE NINGUÉM CONTAR, VAI SE PERDER"

História de uma Comunidade Eclesial de Base da Grande Florianópolis e seus processos de comunicação,

por

IDRO ANTÔNIO PRADO JÚNIOR

Florianópolis, 1982

Trabalho final apresentado na disciplina Projetos Experimentais - JED 1401, do Curso de Comunicação Social Habilitação em Jornalismo, UFSC. Professora Orientadora MARIA ELENA HERMOSILLA D. SARAIVA

História da CEB Comunidade São João,
problemas e sua organização. Seus pro-
cessos de comunicação. Os movimentos
populares refletidos na grande im-
prensa de Florianópolis.

1) INTRODUÇÃO

Numa sociedade dividida em classes, os meios de comunicação são instrumentos de dominação dos que detêm o poder, difundindo a ideologia da classe dominante e impedindo que as classes oprimidas se manifestem.

O projeto de pesquisa "Se Ninguém contar, vai se perder", investigando o cotidiano de comunidades que se organizam, para superarem o bloqueio a sua livre manifestação social, tem o propósito de demonstrar os seguintes objetivos:

1 - Demonstrar que a imprensa catarinense reproduz a característica da grande imprensa nacional, de ignorar e não conceder espaço aos fatos protagonizados pelas classes populares.

2 - Demonstrar a existência de um conceito de notícia que considera irrelevantes ou silencia as notícias decorrentes das organizações de base popular.

3 - Através do reconhecimento dos principais acontecimentos e datas que marcaram a vida dos movimentos populares de Florianópolis, reconstituir a história silenciada desses movimentos populares.

A pesquisa se limitou à imprensa escrita por ser o meio de comunicação que melhor se presta para o registro histórico dos fatos. O órgão escolhido foi o jornal O Estado. Os números deste jornal veiculados durante o período de Abril de 1979 a dezembro de 1982, foram alvo de investigação para uma análise de conteúdo e de coleta de notícias concretamente referentes à comunidade pesquisada. Estes dados, juntamente com os depoimentos dos repórteres do jornal O Estado, vieram confirmar os objetivos da pesquisa.

O projeto tinha como objeto de pesquisa as seguintes comunidades: Comunidade São João, Comunidade do Morro da Caixa d'Água e Organização dos trabalhadores de Aririu.

Porém o contato com a primeira das comunidades gerou um vasto material, que além de ser adequado para a demonstração dos objetivos da pesquisa, exigiu uma dedicação maior, não prevista inicial

iniciativa desta comunidade de produzir um jornalzinho que veicularia as notícias sobre a comunidade, que não são divulgadas pela grande imprensa.

A necessidade da comunidade em ter seu instrumento de comunicação impresso foi um primeiro fator que demonstrou a relevância da pesquisa.

Existem outros. Os movimentos populares crescem a cada dia no Estado de Santa Catarina. São organizações de bairros ou de comunidades, movimentos sindicais, de negros e de mulheres, etc, que tentam com sua própria capacidade superar os problemas que enfrentam no dia-a-dia. A não cobertura da imprensa destes problemas é um exemplo constatável da realidade opressiva que envolve estas comunidades.

Quanto aos problemas presentes na comunidade pesquisada torna-se visível a relação de violência do Estado e seus mecanismos de dominação para com ela, que se reflete através da imprensa, indiferença de prefeitos e donos de empresas, ausência de autonomia por parte do Sindicato dos agricultores, etc.

A Comunidade São João, comunidade eclesial de base (CEB), que atua na localidade do Sul do Rio, por iniciativa dos agricultores, que são membros da CEB, possibilitou a criação de uma feira comunitária numa favela do meio urbano de Florianópolis, o Morro da Caixa d'Água. Além de ser um mercado alternativo para a sua produção, a feira beneficiou os moradores da favela, propiciando a comunicação e a solidariedade entre as comunidades.

O fato se torna de grande importância porque a comunidade do Morro da Caixa d'Água também apresenta uma forma de organização, reconhecida como um movimento popular. Eles elaboram um pequeno jornal. A comunicação entre as comunidades possibilita uma união de forças; um avanço na aquisição de uma conscientização política e a demonstração de que a realidade que os envolve é o motivo comum da sua condição de oprimidos.

Para o conhecimento do caráter ideológico-político da CEB, o pesquisador procurou investigar a realidade material dos seus mem-

bros e a percepção que eles têm do seu cotidiano. Como não havia, por parte do pesquisador, uma relação fixa de assuntos a serem coletados, mas apenas um espaço aberto, onde qualquer dado poderia ser um elemento valioso, ele utilizou o método de entrevistas livres, a observação e a participação das reuniões da CEB. Como o meio mais eficaz para detectar os elementos materiais chaves que possibilitaram atingir os objetivos da pesquisa.

A pesquisa se desenvolveu durante o período de Agosto/82 a dezembro/82. Nos meses de agosto, setembro e outubro, o pesquisador se dedicou à observação das reuniões da CEB e às entrevistas de seus membros. A participação na elaboração do Boletim da Comunidade São João não foi interrompida com o término da pesquisa.

Sul do Rio está localizado entre Palhoça e Santo Amaro de Imperatriz. Se olharmos o mapa da região da Grande Florianópolis do IBGE não encontraremos nenhuma referência ao nome Sul do Rio. Porém as pessoas da região chamam-na assim e dizem que ela vai até Santo Amaro de Imperatriz. (Ver anexo I).

Sul do Rio fica ao pé da Serra do Tabuleiro. Existem vários rios que cortam a região, entre eles o rio Cubatão e o rio do Braço.

Para melhor localizarmos a área do Sul do Rio em que vivem membros da Comunidade São João, procurarei salientar alguns pontos de referência mais importantes.

Saindo do trevo da BR 101 em direção a Santo Amaro, encontramos o Clube Jovem do Aririu, a fábrica de Cerâmica Tapuia SA e a Igreja de N.S. da Conceição. Logo após, à esquerda, há uma entrada que nos levará a Sul do Rio. A partir desta entrada até a Escola Sul do Rio Cubatão vivem os membros da CEB. Neste trajeto existe uma ponte sobre o rio Cubatão, construída para permitir a passagem dos condutores de água, provenientes da represa dos Pilões e que abastecem Florianópolis.

A ponte separa, geograficamente, os habitantes do Sul do Rio que se dedicam à agricultura dos que são assalariados e trabalhadores autônomos.

Desde a entrada da comunidade até a ponte, encontramos uma região populosa com tendência a aumentar. Ali vivem cerca de 40 famílias. Há espaços grandes entre as casas, porém elas formam uma típica vila do subúrbio da Grande Florianópolis. Aí moram os assalariados e trabalhadores autônomos do comércio. Muitos deles trabalham na CASAN e Tapuia SA, alguns são funcionários públicos. As moças trabalham como balconistas ou empregadas domésticas.

Atravessando a ponte encontramos poucas casas, aumenta consideravelmente a distância entre elas, surgem as plantações e os pastos para o gado leiteiro. Moram cerca de 10 famílias, quase todas se dedicam à agricultura de produção familiar. O forte das suas produções é

a batata, o tomate e o milho-verde. Em menor escala feijão e verduras.

Algumas famílias se abastecem de água da CASAN, outras recebem água da fonte. Antes das eleições foi instalada iluminação elétrica na estrada. A população do Sul do Rio se utiliza do Hospital de Santo Amaro de Imperatriz e do serviço de assistência médica e odontológico do Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

Existem as seguintes organizações-: Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santo Amaro de Imperatriz, Amaro de Imperatriz, Associação Agropecuária e aquelas de orientação religiosa- : grupos de família, grupos de jovens e a Comunidade São João.

O maior problema imediato que a região enfrenta são as enchentes do rio Cubatão.

A descrição anterior descreve a base geográfica e populacional em que atua a CEB Comunidade São João.

3.1 Comunidade São João

No âmbito desta pesquisa, a Comunidade São João, a partir da participação dos membros locais, no início, desenvolveu-se de forma espontânea, sendo os membros que se reuniam para a celebração da Eucaristia. A primeira reunião inicial aconteceu em 1985, com a participação de aproximadamente 15 pessoas, sendo 10 homens e 5 mulheres.

De acordo com o relato dos membros, a comunidade surgiu a partir da iniciativa de alguns membros locais, que buscavam um espaço de encontro e de participação.

3. A COMUNIDADE ECLESIAL DE BASE
COMUNIDADE SÃO JOÃO

Os membros da comunidade São João, que se reuniam para a celebração da Eucaristia, passaram a participar de outros momentos de encontro e de participação, como o estudo bíblico, a oração e a cantoria. A comunidade passou a ser conhecida como Comunidade São João.

A comunidade São João, que surgiu a partir da iniciativa de alguns membros locais, passou a ser conhecida como Comunidade São João. O número de membros da comunidade passou a ser de aproximadamente 20 pessoas, sendo 10 homens e 10 mulheres.

Após a formação da Comunidade São João, os membros passaram a participar de outros momentos de encontro e de participação, como o estudo bíblico, a oração e a cantoria. A comunidade passou a ser conhecida como Comunidade São João. O número de membros da comunidade passou a ser de aproximadamente 20 pessoas, sendo 10 homens e 10 mulheres.

Em 1987, a comunidade São João passou a ser conhecida como Comunidade São João. O número de membros da comunidade passou a ser de aproximadamente 20 pessoas, sendo 10 homens e 10 mulheres.

Desde então, a comunidade São João tem se desenvolvido e participado de outros momentos de encontro e de participação, como o estudo bíblico, a oração e a cantoria.

Há quatro anos começou a formação da Comunidade São João. A idéia partiu de Francisco Veríssimo (o Chico) oriundo do local. No início, eram apenas os vizinhos dos pais do Chico, a maioria parentes, que se reuniram para rezar a " noveninha de Natal". O pequeno grupo inicial, aos poucos foi se entusiasmando e passou a convidar os vizinhos mais próximos.

Uma das primeiras reuniões aconteceu na casa da dona Chica, moradora de Sul do Rio. Ela guarda como valor histórico uma Bíblia que ganhou do Chico, com os seguintes dizeres: " Lembrança da Novena da Campanha da Fraternidade", com a data de 27/03/79. Acompanha a assinatura das pessoas que participavam naquela época.

As reuniões, como até hoje, acontecem todos os domingos. O local é a casa de uma das famílias participantes, mudando a cada final de semana.

A missa, realizada no final do mês, é uma forma de ampliar o número de participantes, porque nela comparecem quase todos os membros da comunidade Sul do Rio, tomando conhecimento do grupo que se reúne regularmente para ler e refletir sobre a Bíblia.

Assim a abrangência da Comunidade São João foi aumentando aos poucos. O grupo as vezes é convidado para realizar a reunião na casa de um novo participante. Foi assim que a reunião ocorreu na casa da dona Carminha. Ela ainda não havia participado, embora seu filho, Osmar, participe regularmente. Dona Carminha contou que todos os seus vizinhos sabem que " eles fazem reuniões". Ela é líder nas reuniões de um grupo de família. Porém, considera a reunião da Comunidade São João melhor.

Ela deu o seguinte depoimento:

" O que eles querem arrumar, eles arrumam. A deles é mais conversada. A nossa a gente faz as perguntas, mas são todos calados. Eu gosto muito da reunião deles".

Quase todas as famílias da Comunidade São João também participam de reuniões de grupo de família. Sul do Rio foi alvo da implantação de vários grupos de família, feita por missionários. As reuniões

ocorrem sob a orientação de um folheto, que possui um tipo de formulário para ser preenchido e enviado para um padre, todo final de mês. Conversando com a Dona Chica e sua mãe, esta se referiu ao envio do relatório para o padre como um motivo para se continuar as reuniões de grupo de família ao qual pertence.

A comparação entre as reuniões de um grupo de família e as reuniões da Comunidade São João, auxilia a compreensão do papel da Igreja nelas.

Embora as reuniões da Comunidade São João tenham como eixo principal a reflexão sobre a Bíblia, o assunto suscitado com a leitura não é abordado apenas do ponto de vista religioso. As reuniões de grupo de família se limitam a seguir o que o folheto sugerir, condicionando a conversa sob a visão da igreja tradicional, relaciona-se apenas com a fé. Enquanto que para a Comunidade São João, a Bíblia serve como um pano de fundo, que introduzirá um assunto, ou vários assuntos, que serão abordados sob o ponto de vista da vivência dos participantes. O que se revela nas reuniões da Comunidade São João é a realidade em que eles estão inseridos.

Por exemplo, uma passagem da Bíblia pode encaminhar a conversa sobre as pessoas que lutam pela transformação do mundo, aqueles que, " como Cristo , foram perseguidos, porque seu comportamento contrariava aqueles que querem que o mundo continue sempre como está". Quando ocorreu esta discussão em uma das reuniões, mencionaram os padres franceses que estão sendo perseguidos por fazerem um trabalho progressista entre camponeses do Pará.

As reuniões, embora sigam um roteiro de desenvolvimento (oração, leitura da Bíblia, reflexão, orações da comunidade, oração final, canto e avisos) são realizadas de uma forma muito espontânea. O que ocorre durante a reflexão da Bíblia, que toma a maior parte do tempo da reunião, talvez seja o motivo que leva a Comunidade São João a se reunir há quatro anos, com fortes características de união. O fato de todas as pessoas presentes às reuniões encontrarem um espaço aberto, para exporem suas opiniões, gera um conhecimento que passa a ser propriedade de todos, pois somente após a contribuição espon-

tânea sobre o que eles pensam do assunto enfocado é que surge a compreensão sobre ele. As pessoas se dão conta de que " em casa sozinho a gente não entende tudo". A compreensão é coletiva, não o resultado da exposição de apenas uma pessoa. Todos participaram da elaboração de um produto que os possibilita compreender melhor a realidade.

Em uma das reuniões foi feita a avaliação de uma missa, realizada na comunidade, em que o povo podia participar opinando. O Chico, que puxou o assunto, referiu-se ao tempo que o " povo ia atrás da igreja, sem participar". Um dos comentários sobre o assunto demonstra a visão que a Comunidade São João tem sobre a participação do povo na Igreja: " Eu acho que para descobrir o Evangelho, só o padre falar não fica bem".

Porém, durante as reflexões da Bíblia, podem ocorrer depoimentos que deixam transparecer resquícios de orientação da Igreja tradicional.

A reflexão de uma passagem da Bíblia que se referia ao alicerce da Igreja, fazendo uma alusão à união das pessoas em torno dela, encaminhou-se da seguinte forma:

Chico - " Que alicerce é esse, onde vai dar essa casa?".

- " Encontrar a felicidade no outro mundo".

- " Esse alicerce é a verdadeira união".

Então, o Chico perguntou se este alicerce tem que ficar pronto hoje ou depois da morte. A resposta foi quase geral- " tem que ser antes". Um senhor citou o exemplo de um homem do Morro da Caixa d'Água que " começou a fazer uma casa ontem e hoje queria que a casa estivesse pronta para morar".

Durante as reuniões também são discutidos assuntos que se referem diretamente à comunidade. Foi através delas que eles conseguiram algumas melhorias. Tal como uma escadaria, feita no esquema de mutirão, que facilitou o acesso ao ponto de ônibus. Foi nas reuniões que surgiu a iniciativa dos agricultores fazerem uma feira comunitária no Morro da Caixa d'Água. Assim como a luta para se conseguir a dragagem do rio Cubatão, que livraria a região de um dos seus maiores problemas, a enchente, passou a ter maior força como fruto da organização

da Comunidade São João.

Seus participantes citam com satisfação as festas que eles já realizaram. São festas juninas, reuniões de Natal na qual eles encenam um presépio vivo. Ou então, a Via-sacra que percorre quase toda a extensão da Comunidade São João. Porém, nem tudo é realizado tão prontamente pela Comunidade São João. Há dois anos que uma comissão, formado por pessoas da comunidade, está tentando implantar um posto de saúde, embora já tenha o local e médico disponível, o "postinho" ainda não saiu. Os motivos podem ser variados: a opção hospitalar que há em Santo Amaro, uma certa aversão a médico que tem algumas famílias de agricultores, e por estes possuírem conhecimentos de medicina caseira. No segundo semestre de 82 a comunidade passou a ter o seu próprio boletim, para divulgar sua história e outras notícias referentes à comunidade. No Boletim da Comunidade São João está registrada uma das características da comunidade, que é o interesse em viajar, por exemplo, para participar de um encontro de CEBs, ou um encontro em Joinville sobre feiras comunitárias. Em outras palavras, estabelecer contato e intercambiar experiências com outras organizações de oprimidos como eles.

Certa vez, caminhando com o Jaime (filho de agricultor) pela comunidade, ele me mostrou um senhor idoso que teria muitas informações para dar sobre a história da comunidade. Eu lhe perguntei se este senhor participava das reuniões. A resposta foi negativa, então quis saber o motivo. O Jaime me disse que como antigamente as pessoas não se reuniam, hoje, elas continuam com este costume e acham "que não adianta para nada".

Porém, a Comunidade São João demonstra o contrário, as reuniões estão gerando uma organização que está levando a muitos resultados positivos. O principal deles é a capacidade de autonomia que a comunidade adquiriu em solucionar os seus problemas.

3.2. Apresentação dos membros da CEB.

Ao se ingressar na estrada que dá início à comunidade do Sul do Rio já se encontra algumas casas das pessoas que são integrantes da comunidade São João.

Alí mora a Lena, ela é enfermeira e trabalha durante a semana no Hospital Infantil, que fica no bairro Agrônômica. No final de semana, ela vai para a casa dos pais, no Sul do Rio. A sua família é a única que possui telefone. A Lena é membro da equipe de saúde que pretende abrir o posto de saúde. Ela já contribuiu com o Boletim da Comunidade contando o início da história da Comunidade São João.

Quase ao lado da casa da Lena, mora a dona Chica. Seu marido se dedica à plantação de milho, feijão e tomate. Ele contrata empregado para o trabalho da roça. Pois ele também é intermediário, comprando os produtos dos agricultores da Comunidade São João e outros. Somente a dona Chica participa das reuniões.

A seguir, mora a dona Cecília e o Sr. Arno. Eles são pais do Chico. O sr. Arno tem um aviário. Sua produção é vendida para o consumo caseiro dos vizinhos e para um dos seus filhos que tem um box no CEASA. O sr. Arno, a dona Cecília e sua filha Rita participam das reuniões.

Perto deles, mora a dona Lídia, a pessoa mais idosa que participa das reuniões. Ela conta que aprendeu a ler sozinha e que gostaria saber escrever.

Mais adiante, há uma pequena entrada à esquerda. Alí moram a família do Augusto, do sr. Aloísio e da Flávia.

Logo na entrada, mora o Augusto, que é casado com uma filha do Sr. Aloísio. O Augusto é membro da Polícia Militar e trabalha em Santo Amaro de Imperatriz. Ele já participava das reuniões antes de morar no Sul do Rio, porque frequentava as reuniões com a família da noiva.

A família do Sr. Aloísio, que mora perto do Augusto, continua a participar das reuniões. O Sr. Aloísio trabalha na CASAN, Pilões. Porém ele era agricultor. Sua esposa trabalha na Secretaria da Fazenda.

A Flávia é casada e tem um filho. Seu marido, que não parti

cipa das reuniões, trabalha como motorista no Ministério da Agricultura. Mora com ela o seu irmão, Ata, que participa da elaboração do Boletim Comunidade São João. Ele sabe tocar violão de ouvido e toca guitarra num conjunto que se apresenta em festas.

Nesta região que vai até a ponte sobre o rio Cubatão, existem outras famílias de assalariados que participam ocasionalmente das reuniões, até mesmo cedem suas casas para se realizar os encontros. Porém elas não são assíduos participantes.

Passando a ponte sobre o rio Cubatão vamos encontrar as cinco famílias de agricultores que fazem a feira no Morro da Caixa d'Água. São famílias com muitos filhos e todos participam das reuniões. São os seguintes agricultores- sr. Nelson, sr. Miro, sr. João, sr. Raimundo e o sr. Danilo.

O sr. Nelson possui mais ou menos 10 hectares de terra. Toda a família participa do trabalho da roça. Sua esposa faz sabão, queijinho e pão, quase tudo para o consumo da família, somente uma parte da produção do queijinho é vendida na feira. Eles não tem televisão por opção. Possuem uma Tobago para o trabalho da roça. Jaime, filho do sr. Nelson, participa da equipe que elabora o Boletim da Comunidade São João. Foi ele que manifestou a iniciativa da comunidade possuir o seu boletim. O sr. Nelson é analfabeto.

O sr. João produz queijo e por ter um fusca, independe do intermediário para vender sua produção. Ele possui 20 hectares de terra. O sr. João se candidatou pelo PT para vereador de Santo Amaro de Imperatriz.

O sr. Danilo é secretário do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santo Amaro de Imperatriz. Ele possui 28 hectares de terra, dos quais uma parte ele ocupa como pasto para o gado e somente 15 hectares para a plantação. O sr. Danilo tem financiamento em Banco. Ele possui um trator, uma kombi e outras máquinas utilizadas na roça, como colhedeira de feijão.

Sr. Miro, possui 12 hectares de terra. Sua esposa, dona Leduina, sabe aplicar injeções e tem muitos conhecimentos sobre medicina caseira. Ela é irmã do sr. Aloísio. O sr. Miro é analfabeto.

Sr. Raimundo possui 55 hectares de terra. Também faz financiamento em Banco. Ele gosta de receber a visita do Agrônomo. Possui trator, máquinas para a roça, tem uma grande criação de gado, produz perto de quarenta quilos de queijo por mês. Ele tem uma grande produção de tomate e batata. Como o sr. Raimundo possui um caminhão, ele pode levar a sua produção para vender em Brusque, onde se consegue um preço melhor. Ele se candidatou pelo PT para prefeito de Santo Amaro de Imperatriz. O sr. Raimundo e o sr. João são irmãos; Eles e o Danilo vieram de Santa Rosa. Lá eles já eram vizinhos, porém voltaram a ser vizinhos no Sul do Rio por pura coincidência.

O Chico (Francisco Veríssimo) e a Marise, que são casados e participam das reuniões, moram em Palhoça. O Chico é professor do Colégio Catarinense. Ele se candidatou pelo PT a deputado estadual. A Marise é aluna do curso de História da UFSC. Também se candidatou pelo PT em 83 para vereador de Palhoça.

Walter é professor da escola do Sul do Rio Cubatão. Ele é filho de agricultores. Sua família possui uma venda.

Existem outras famílias que participam ocasionalmente das reuniões da CEB. Elas moram no caminho que vai para Santo Amaro de Imperatriz. Destaca-se a família do sr. Marzinho e a dona Carminha, eles são pais do Osmar, que começou a participar das reuniões porque é amigo do Jaime. A dona Carminha não participa regularmente das reuniões porque geralmente ela se realiza em locais muito distantes da sua casa.

Esses são os principais membros da CEB, sobre cujos depoimentos está baseado este relatório.

3.3. Confronto com o poder público

Enchente é o grande problema imediato da população do Sul do Rio. Como a maioria das terras daquela região são utilizadas na agricultura, uma enchente significa a destruição das plantações e em muitos locais, a remoção da camada de terra fértil. O agricultor se vê de um dia para o outro aniquilado, pois este é o tempo necessário para a formação de uma enchente.

A dona Leduina relatou que certa vez eles estavam com uma plantação de repolhos vendida, só faltavam três dias para colher a produção e ser entregue no dia combinado. Antes que isso acontecesse veio a enchente e apodreceu toda a plantação.

A enchente no Sul do Rio ocorre no lugar onde o rio do Braço e o rio Cubatão se encontram, aí eles formam um ângulo de 90°. Na época de chuva, o volume de água aumenta consideravelmente nos dois rios, porém é maior no rio do Braço, onde a água da serra do Tabuleiro escoou, criando uma verdadeira barragem no rio Cubatão, que por não encontrar saída, alaga o Sul do Rio.

O sr. João explicou como isto acontece. Um pouco mais além da sua casa, o leito do rio Cubatão se estreita, porque de um lado tem um morro e do outro um rio (o rio do Braço). Este rio em tempo de chuva leva um volume muito grande de água, "a correnteza atravessa, corta o outro rio". O sr. João já esteve perto do local quando estava se formando uma enchente, "O rio do Braço entra com tanta força no rio Cubatão que a água sobe no morro, se tu jogas um pau na água, ele sobe o rio e não toma o sentido normal da correnteza".

O problema das enchentes seria solucionado com uma dragagem no lugar onde os rios se encontram. Embora Sul do Rio fique no território do município de Santo Amaro de Imperatriz, o local a ser dragado pertence a Palhoça.

A comunidade São João está atenta para o problema. Conseguir a dragagem é uma luta que eles travam com as autoridades. Nesta luta participam outros agricultores, não apenas os da comunidade São João.

Porém, ela é encabeçada pela comunidade São João. São eles que por estarem organizados, fazem periódicas viagens à Secretaria de Obras e Transporte reivindicando a dragagem. O pedido dos moradores do Sul do Rio ainda não foi atendido.

A necessidade de se executar a dragagem já foi notícia por três vezes no jornal O Estado, todas por interesse da comunidade São João. Um grupo de mulheres da comunidade foi falar com o prefeito de Palhoça, Newton José Schwinden, na esperança de que sendo mulheres, talvez conseguissem sensibiliza-lo para a situação, porém nem mesmo foram convidadas a entrar na sua casa. O Chico esteve na Prefeitura de Palhoça com o mesmo propósito e foi agredido pelo prefeito, o jornal alternativo afinal noticiou o fato.

Porque não sai a dragagem? O sr. João declarou que como o dono do terreno foi professor do prefeito de Palhoça, ele não quer prejudicar o amigo.

" Eles dizem que estão forçando ele (o prefeito de Palhoça) fazer, mas acho que não. Época de política eles não querem machucar ninguém! Comentei que justamente por ser época de eleições é que as pessoas estavam conseguindo favores especiais dos políticos, e então porque o Sul do Rio não conseguia a dragagem?

" Mas o problema é que o prefeito não quer ofender o dono do terreno. Verdade que o terreno lá é muito bom, mas poderia ser bem indenizado. Lá só um seria prejudicado, aqui mais de cinquenta famílias, quanta gente é prejudicada".

Após inúmeras viagens para falar com o Secretário de Obras e Transporte e os contatos com prefeitos de Palhoça e Santo Amaro de Imperatriz, a comunidade foi tomando conhecimento da máquina administrativa à qual eles estão sujeitos.

" Agora a gente faz as reuniões e vai na cidade e não sai nada. É o prefeito de Palhoça que está trancando, nos estivemos lá embaixo só falta o prefeito assinar". (sr. Miro).

" Eu tinha fé que nos conseguiríamos antes das eleições. A não ser que mude tudo".(sr Danilo).

3.4. O problema da terra

" A comunidade se reúne, se reúne, o que é do alcance próprio, resolve, quando depende de autoridade maior o cara da comunidade dá com a cara na parede" . (sr. Danilo).

" O pequeno falar com o grande é como não falar, não adianta, agora o grande falar com o pequeno é só o grande dar um cagaço". (sr. Nelson).

3.4. O problema da terra

Outro dos principais problemas dos agricultores é a pressão que eles sofrem por parte dos especuladores para venderem suas terras a preços irrisórios. Estes especuladores são chamados pelos moradores da comunidade de "Tubarões". E pelos depoimentos dos agricultores, eles já estão alertados dos perigos de venderem suas terras a esses "Tubarões".

Conversando com o Sr. Nelson sobre a atividade dos seus vizinhos, ele deu o seguinte depoimento:

" Dos trinta só dois trabalham na CASAN, eles já venderam o que era terra para plantar, aos tubarões, como eles se chamam, né?".

Um dos "tubarões" que rondam o Sul do Rio já veio várias vezes tentar comprar suas terras.

" Ele disse que compraria a terra e que eu poderia continuar a morar aqui".

Porém, já é conhecido de todos o que aconteceu com o sr. Melo, um ex-vizinho. Ele vendeu suas terras e aceitou a proposta do comprador de continuar a morar e trabalhar nelas. Passou a ser arrendatário. Porém, com o tempo, foi aumentando o preço da renda, chegando a um ponto que o sr. Melo não podia mais pagar e teve que se mudar.

" Acho que já está perto para colocar fora, porque eles querem uma renda muito alta. Eles já pedem alta para colocar para fora".
(sr. Nelson).

O que ocorreu com o Sr. Melo, certamente, contribuiu para os agricultores tomarem consciência sobre os "tubarões".

" O pessoal agora tá mais alertado. Antes, eles levavam o pessoal na conversa. Sei lá, parece que tiraram a vergonha para fora, antes chegava qualquer um e comprava as terras pelo preço que quizesse".

O problema da terra vai além do especulador: a maior preocupação do agricultor é o destino dos seus filhos, dado que pelo reduzido tamanho da propriedade não haverá terra para todos.

" Agora vão saindo para trabalhar fora e largaram a lavoura. Ficou muito difícil, precisa ter máquina. Para quem tem bastante família,

precise ter bastante terreno, com pouco terreno não adianta".
(sr. Marzinho).

3.5. Agricultores e Assalariados

Com o objetivo de contribuírem para o folheto da próxima Campanha da Fraternidade (1983), " Fraternidade Sim, Violência não", as pessoas da Comunidade São João dedicaram a reunião do dia 12 de setembro de 82 para conversarem sobre o que eles consideram violência e se na comunidade existiam essas manifestações.

Entre os depoimentos surgiram alguns que relatam casos concretos da violência que sofre o agricultor. Como estes:

"A. Maior violência é que nós não temos direito sobre o nosso produto".

" O agricultor não manda nada, ele está sujeito aos outros toda vida".

Eles se referiam à diferença que existe entre o vendedor de adubo e o agricultor. O adubo é vendido ao preço que o comerciante deseja e, o agricultor não pode protestar, enquanto que os produtos do agricultor só são comprados se estiverem com preços satisfatórios para os intermediários. Os agricultores não são donos do preço dos seus produtos.

" A cada ano que passa o lucrozinho dele fica menor. A violência em cima do agricultor vai devagarzinho. Ele vai acostumando.

São depoimentos valiosos se considerarmos que a comunidade São João é formada por operários e agricultores.

Quanto às dificuldades de ser agricultor alguns operários tem um rico depoimento para dar. Eles já foram agricultores e tiveram que abandonar a roça, como meio de sustento, justamente, pela " violência que sofre o agricultor".

O sr. Aloísio é um exemplo. Ele trabalha há treze anos na CASAN, Pilões. Atualmente, ele trabalha noite sim, noite não. Nos dias que seguem à noite que ele não trabalha, com a ajuda dos seus filhos se dedica à roça, porém somente produzem para o consumo.

Sobre os motivos que o levaram a abandonar a agricultura e optar por um emprego, o sr. Aloísio deu o seguinte depoimento:

" Era muito difícil a roça, caminho muito ruim, muito impróprio para o comércio, era muito difícil, eu achei que era mais

fácil ser empregado".

Ele exemplificou que " se fizesse um campo de futebol no campo daria muito mais dinheiro".

" A roça não é fácil não, adubo para pagar, os gastos são muito altos. Aqui os exploradores estão tudo aí com os olhos acessos".

Outro exemplo é o sr. Marzinho. Há seis anos ele trabalha na CASAN, São José.

Atualmente só trabalha na roça nas horas vagas e o que produz é para o consumo próprio. Ele abandonou a roça " como meio de vida, porque o terreno era de herdeiros", como teve que devolvê-lo ficou com pouca terra.

O sr. Marzinho mora perto da entrada onde moram os assalariados que participam da Comunidade São João. Sua casa fica na estrada geral que vai para Santo Amaro de Imperatriz. Ele contou que antigamente quase todos os seus vizinhos trabalhavam na roça. E que " agora a maior parte é de negócio de comércio. Mas tem um que trabalha na lavoura, ele paga trabalhador".

Ele relatou mais sobre os motivos que levaram seus vizinhos a largarem a roça:

" Agora vão saindo para trabalhar fora e largaram a lavoura. Ficou muito difícil, precisa ter máquina. Para quem tem bastante família, precisa ter bastante terreno, com pouco terreno não adianta".

Mas são aqueles que continuam como agricultores que podem relatar as dificuldades que passam. Estas foram caracterizadas nos depoimentos do sr. Miro e da dona Leduina : "falta de apoio do Governo, se apoiasse não colocaria esse preço nos adubos"; a diferença de preço entre um saco de milho para vender e o saco de milho para semente; o alto preço para se alugar uma máquina, por exemplo, para arrancar batatas (cobram @ 3.000,00 a hora); a falta de iniciativa da prefeitura em apoiar o agricultor, " poderia ter um trator na Prefeitura para atender os colonos".

Enquanto o sr. Miro e a dona Leduina relatavam os motivos que desestimulam o agricultor, foram surgindo algumas diferenças que

para eles há entre ser empregado e agricultor.

" Alavoura do colono é a mais baixa que tem. O preço do adubo e remédio tá muito caro. E o colono não pode passar sem isso, a terra tá muito batida".

"Tá todo mundo fugindo porque a roça não tá dando. O colono é o mais rebaixado, comparando com o trabalhador. O colono não tem vez, porque o colono come o que planta".

" O empregado pode fazer uma prestação, nós não podemos porque se vem uma chuva, enchente, ele (o agricultor) tá arrombado".

" Por um lado o colono é bom porque não é mandado por ninguém".

São reflexões de pais que tem na sua família um exemplo do resultado da pressão da sociedade envolvente na vida dos agricultores. O seu filho mais velho abandonou a roça para trabalhar numa empresa.

" O mais velho foi trabalhar fora, ele não quer nada, mas ele ainda mora aqui, tem casa e comida. Não quer trabalhar na roça, trabalha na Tapúia, ganha salário mínimo. Saiu de casa para não trabalhar na casa".

Os agricultores da comunidade São João sabem onde se localiza a causa dos seus problemas. O intermediário é apenas aquele que usufrui da falta de apoio à agricultura. O agricultor que não possui um veículo próprio para levar seus produtos onde pagam melhor, tem que se sujeitar ao intermediário. E, neste caso, são eles que fazem o prego.

Conversando com o Walter, ele me contou de um parente que se aposentou ganhando apenas R\$ 8.000,00, " porque ele era colono". A seguir, ele ofereceu uma possível explicação para o que se constata sobre a agricultura.

" Isto é com o pequeno agricultor, o governo quer tocar todos eles para a cidade para trabalhar para eles, mas tem o latifundiário que o governo apóia. Eu acho que o governo devia ajudar isso, é difícil a vida na roça, o pai não sabe ler, a única fonte de renda que tem é da roça".

O governo oferece ao agricultor assistência através da

ACARESC. É a oportunidade de se obter o atendimento de um agrônomo que o auxiliará com informações adequadas para a agricultura. Foi assim que o sr. Raimundo, o Danilo e o sr. João aprenderam como construir um silo para armazenar a ramagem picada do milho verde, que durante o inverno servirá de alimento para o gado.

Porém o agricultor só usufruirá do auxílio da ACARESC, se ele tiver um financiamento do Banco.

Os financiamentos, através dos Bancos, que poderiam ser uma solução para as dificuldades do agricultor, passam a ser um fator negativo a mais. Os juros, considerados altos por muitos produtores, passam a ser uma ameaça, obrigando-os, muitas vezes, a venderem as próprias máquinas financiadas para pagarem o empréstimo.

"O colono é explorado de todo jeito, de toda maneira. Tudo tem imposto para pagar. No outro governo, o governador dava desconto. O Banco tá cobrando 45% de juro para um financiamento. Pro colono não ajudam, para fazer um campo de futebol e para o carnaval também gastam um dinheirão!" (dona Leduina).

"Não é todo colono que pode ter um trator e o que compra fica difícil para pagar o financiamento. O adubo e o remédio sobem todo mês. É um absurdo, a batatinha não pode passar sem remédio. Este ano a batatinha não deu lucro. Tem gente que tá vendendo as máquinas para pagar o Banco". (dona Leduina).

Há 15 ou vinte anos os agricultores do Sul do Rio tinham grandes plantações de café, cana e mandioca. Hoje os engenhos de farinha e açúcar estão desativados. As plantações de café não existem. Os poucos pés que restaram são para o consumo da família.

O sr. Marzinho relatou que isto aconteceu com o café produzido em todo o Estado.

"Aqui tinha muito café, o nosso café daqui não valia mais, vinha café de fora e foi trancando o café daqui".

"Isto foi do governo que deixaram de comprar o café de Santa Catarina. Aqui não trabalhava com negócio de Banco, então não constava que tinha lavoura grande".

3.6. O Sindicato

O agricultor está inserido numa realidade que apresenta uma série de fatores contrários a sua atividade. Onde os agricultores encontrariam um aliado para enfrentarem esta situação?

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais seria a organização a quem caberia encabeçar essas lutas. Porém, embora os agricultores da Comunidade São João reconheçam isto, eles não encontram no Sindicato um instrumento de apoio para suas reivindicações.

" O Sindicato para a gente, o resultado que a gente aproveita é a assistência dentária e o médico, para outra coisa, para defender o direito da gente nada tem feito". (sr. Raimundo).

" O povo devia se associar. Devia ser um órgão para lutar pelo direito da gente. O agricultor trabalha de graça, só trocando dinheiro. Se o povo todo participasse, usasse o Sindicato como ferramenta, se todos trabalhassem unidos, seria mais fácil. (sr. João).

" Eu na minha idéia o Sindicato é uma casa de sócio, mas eles não dão nada, poderiam dar mais semente. Nas reuniões o salão fica cheio, eles poderiam ajudar". (sr. Miro).

Exceto o sr. Miro, todos os agricultores da Comunidade São João são sócios do Sindicato. O sr. Miro já foi associado, porém ele foi " cortado do Sindicato". Ele me contou o motivo:

" Uma vez eu tava mal de dinheiro, daí como em casa eles se viravam com o trabalho da roça, eu peguei um trabalho no encanamento da CASAN. E como eu não podia ficar sem carteira assinada e eram por dois ou três meses, então assinei a carteira, foi quando cortaram o Sindicato".

O sr. Miro já tentou inscrever a dona Leduina, porém ela não foi aceita. A própria dona Leduina explicou o motivo pelo qual o Sindicato não a aceitou:-

" Porque ele é o dono da casa (marido), então ele é que tem que fazer, assim que eles (o Sindicato) acham".

O sr. Miro e a dona Leduina não se sentem prejudicados por não serem sócios do Sindicato, pois, eles acham que o Sindicato tem apenas a oferecer o atendimento médico e odontológico, que podem conseguir através do INPS. Embora eles cite motivos para o Sindicato

lutar pelos agricultores.

" O Sindicato não tá fazendo muita vantagem. O INPS não dá muita vantagem, mas dá".

" O Sindicato deveria dar mais assistência médica. E o problema do rio, como eles tem mais relacionamento com as autoridades, eles deveriam conseguir isso, se eles dessem mais interesse por isso aí. O Sindicato é muito relaxado".

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santo Amaro de Imperatriz teve desde a sua criação o mesmo presidente. Somente ocorreu a mudança quando ele pediu demissão, porque estava doente. Na nova eleição concorreu apenas uma chapa, que foi o resultado de um acordo, pois todos os agricultores concordaram com a chapa. A nova diretoria, é composta por membros antigos da ex-diretoria. Ocorreu um remanejo. O Danilo, que era tesoureiro passou a ser secretário.

No depoimento do sr. João, nos poderemos encontrar a possível causa da falta de atuação do Sindicato:

" Olha, eu acho que o Sindicato é uma coisa muito importante, muito boa. Tem mais de mil sócios, mas quando tem reunião aparecem apenas 150 pessoas. Tem pouca participação no Sindicato. Acho que a maioria acredita no Sindicato como benefício, mas não sabe o que é um Sindicato".

O Danilo, secretário do Sindicato, também considera fraca a participação dos sócios no Sindicato.

Uma solução apresentada pelo Sindicato para aumentar a participação foi a escolha de um delegado para cada comunidade. A Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Estado de Santa Catarina (FETAESC) se propôs a dar um curso para os delegados.

O sr. Danilo explicou qual seria a função do delegado:

" Isso aí é uma pessoa que vai servir de responsável pela comunidade, um líder da comunidade. Em vez de o Associado se deslocar, ele ia servir para informar o Sindicato, a mesma coisa que ele ia servir para divulgar na comunidade as informações do Sindicato, por causa da pouca participação".

3.7. A feira

Há aproximadamente um ano, todos os sábados, os cinco agricultores da comunidade São João vão fazer uma feira no Morro da Caixa d'Água, favela situada no perímetro urbano de Florianópolis, no bairro do Estreito, próximo das pontes Colombo Salles e Mercílio Luz. Os seus moradores vivem em condições de extrema pobreza e insegurança, carecendo de infra-estrutura básica. São biscateiros, trabalhadores da construção civil, lavadeiras, empregadas domésticas, e em geral, trabalhadores ocasionais.

Esta feira aconteceu do desejo dos agricultores e moradores do Morro da Caixa. O contato entre as duas comunidade foi feito pelos agentes. No morro da Caixa vive a dona Flávia, que era freira e, atualmente, faz um trabalho de base, a nível religioso.

" A gente faz a reunião de comunidade e, eles também se reúnem lá no Morro, então, por intermédio do Chico e da dona Flávia, nos combinamos, de nos produtor vender direto para eles". (sr. Raimundo)

No início a feira passou por um período de adaptação. Foi uma fase de conhecimento entre os agricultores e os moradores do Morro. Havia interesses práticos das duas partes na realização da feira. Através dos depoimentos é possível sentir os interesses e objetivos da feira.

" A dona Flávia veio saber se dava para fazermos, ela queria saber sobre os preços. A reunião foi entre ela e nós aqui. A dona Cota também veio combinar o preço". (sr. Nelson).

" Primeiro nos fomos lá saber onde era o lugar, fizemos reunião com a dona Cota e a dona Flávia. Foram duas no Morro e duas reuniões aqui". (sr. Miro).

O sr. Raimundo considera inviável combinar os preços para cada feira. Ele disse que só foi possível no início.

" É difícil combinar como a dona Flávia queria. Assim a gente vende para tirar um lucozinho". (sr. Raimundo)

O sr. Nelson acha que vai pouca gente comprar na feira.

" Porque ela (a dona Flávia) guenta o pessoal de fora, ela disse que aquilo foi feito para o pessoal do Morro".

" Certa vez quase desistimos, durante três sábados nós levávamos pouco e quase voltávamos com tudo".

Para o sr. João a feira " é so para o pessoal deles, da favela, que compra".

" Já passou na TV que a feira mais barata é a feira do Morro. Agora podia a feira estar melhor. No princípio ela (a dona Flávia) não queria o pessoal de fora, daí nos reclamamos. Poque quanto mais pessoal vier é melhor para nós. Ela dizia que era só do pessoal do Morro. Naquele tempo nos levávamos pouca verdura. Nós só plantávamos para o nosso consumo. Não compensa plantar (verduras) para vender aqui. Se vender aqui não compensa o trabalho de plantar. Nós vendemos pela metade do preço".

Porém com a feira ocorreram mudanças na produção dos agricultores. Eles se dedicam à grande plantação de milho, batata, tomate e feijão, além da plantação de verduras para o consumo próprio, que sofreu uma modificação: aumentaram e diversificaram a produção.

" Antes da feira a gente já plantava mas só para consumo, agora a gente planta mais um pouquinho". (sr. Danilo).

" Com a feira. A gente teve que plantar mais mercadoria". (sr. João).

A feira que os agricultores da comunidade São João realizam no Morro aparece para eles como uma solução para os problemas que envolvem as duas comunidades.

Para os agricultores, é uma maneira de aliminar o intermediário, propiciando uma margem maior de lucro. Aos consumidores é a possibilidade de comprar produtos de boa qualidade por preços mais acessíveis.

O sr. Nelson, antes de começar a fazer a feira, vendia sua produção para os " cambistas" (intermediário), porém ele acha que os " cambistas" não apresentam segurança. Entre vender na feira e para os " cambistas". o sr. Nelson considera mais vantajosa a primeira alternativa.

" Assim é melhor, porque esse negócio de verdura pouca, os cambistas não compravam com regularidade, não era toda vida. Não tinha nenhum que obedecia segurança. Quando tinha abundância, eles não compravam".

Para comprar do sr. Miro, no Sul do Rio " vem gente do Ceasa e moradores da cidade. Tem muitos moradores da cidade que não sabem que tem aquela feirinha. Tudo em geral é mais barato".

O sr. Miro vendia toda sua produção, antes de fazer a feira, e ainda continua vendendo, para os intermediários, " só lá não dá. Lá devia ter mais movimento para render mais para a gente". " Lá não tem movimento porque são tudo pobre".

"Nos sentimos esse problema, vende muito barato e o consumidor pagava caro. Há o consumidor que compra barato aqui e vendia caro para eles . (sr. João).

" Na feira nós vendemos um pouquinho mais caro e eles compram mais barato que outro local". (sr. João).

" O que a gente produz tem um preço fixo, o leite tem um preço mais ou menos certo. Ninguém explora, a gente vende por um preço mais baixo lá é tudo gente pobre. Seria injusto se a gente explorasse eles". (sr. Raimundo).

" A feira ajuda eles sobre a parte financeira, lá são pobres e não tem dinheiro". (sr. João).

" Vender na feira é melhor do que vender aqui, favorece muito o pessoal de lá. A gente leva pão-de milho, um outro leva rosca, manteiga e queijo". (sr. Miro).

O sr. Raimundo tem uma grande produção de tomate e batata e como ele dispõe de um caminhão. Há a possibilidade de levar suas mercadorias para o mercado que oferece maior lucro. Questionado sobre o porquê dele fazer a feira, já que tinha tais vantagens, ele demonstrou que pensa como os outros agricultores:

" Aquilo lá a gente faz para favorecer, não é negócio".

A feira não é apenas um mercado alternativo que oferece vantagens para os agricultores, eles a vêem também como uma forma de auxiliarem os moradores do Morro da Caixa. Como o contato com os con-

sumidores é direto, realiza-se na própria comunidade, ocorre uma comunicação imediata que possibilita aos agricultores observarem a realidade da favela.

" Não tá fácil para eles a vida. Eles têm que recorrer a um sistema comunitário porque não tá fácil. A maioria são empregados da construção civil, a maioria ganha salário mínimo". (sr. Danilo).

" Lá já é outra vida, tem muita pobreza. O pobre que ganha salário mínimo tem que passar fome. Aqui não se compra tudo, por que é produzido aqui". (sr. Miro).

" Eu acho que a vida para eles é difícil, eles vêm com o tantinho de dinheiro, enquanto estão comprando já vão pedindo para fazer a conta, para ver se o dinheiro alcança. Eles têm pouco dinheiro para comprar". (sr. Raimundo).

" Eles têm uma vida muito agitada, difícil: têm problema de falta de terra, estão sempre querendo tirar alguém do Morro, porque tem muita gente pobre, muita gente que passa fome". (sr. João).

A partir desta visão se constata uma preocupação por parte dos agricultores de não só oferecer produtos de boa qualidade mas principalmente a preços acessíveis. Sempre harmonizando os seus interesses com os dos consumidores.

Os agricultores primeiro passam no Ceasa para saber os preços, depois vão vender no Morro. O objetivo de verificar os preços no Ceasa é sempre vender mais barato do que o Ceasa. Assim como comprar algumas mercadorias que os agricultores não produzem.

" O sr. Raimundo compra ovos na granja para favorecer os pobres". (sr. Miro).

Os moradores do Morro da Caixa sabem que os agricultores passam antes no CEASA para consultar os preços.

" Eles sabem disso: tem dia que eles reclamam que chegamos tarde". " Eles reclamam , mas fica difícil para a gente".

" Às seis horas já tem gente na fila para comprar, vem pouca gente de fora. Sai daqui só um caminhão com o produto de cinco agricultores. Não tem muita saída. (chegando lá cada um vende o que é seu. (sr. Miro).

Laranja, cebola e tomate são alguns produtos que eles compram na "pedra" para vender no Morro. Durante o verão, como o calor é muito intenso eles não plantam verduras, então, compram quase tudo na "pedra".

O sr. Raimundo, que fez referência à "pedra", conceituou-a da seguinte forma:

"No Ceasa tem o Box e o pessoal que leva na pedra e vende para quem quiser comprar. Normalmente compra-se na pedra porque o preço é mais em conta".

Comprar na "pedra" significa não comprar dos intermediários, que estão instalados nos boxes, e sim comprar diretamente dos agricultores, que se estabelecem num local chamado "pedra" para vender seus produtos, por um preço mais em conta, diretamente aos possíveis compradores.

O sr. Raimundo já levou batata e tomate para vender na "pedra".

"A cebola nós somos obrigados a comprar no Ceasa, mas ainda nós vendemos para eles mais barato do que eles compram em outro lugar".

"A maçã que nós vendemos um quilo por R\$ 180,00, é vendida cada uma, do mesmo tamanho que nós vendemos, por R\$ 70,00 na Soberana".

(sr. João).

"O problema lá é que tem dia que a feira não dá boa. Tem princípio do mês que a feira dá melhor que o fim, o preço eles acham que é mais barato. Nós vendemos leite puro também; quase 200 litros, a R\$ 55,00 o litro". (sr. Miro).

Os agricultores gostam de salientar que vendem leite puro para a comunidade do Morro e que, além de o preço ser menor, é mais saudável do que o leite pasteurizado vendido na cidade.

"O leite é vendido no Morro mais barato".

"O nosso leite quando ferve fica uma nata grossa em cima, tem gordura". (sr. João).

Para se entender melhor o que significa a feira para os agricultores da Comunidade São João é interessante observar o relato do Sr. Danilo sobre o envolvimento deles, os agricultores, com a prefeitura.

" Antes de começar lá, estivemos no setor da Prefeitura. Eles exigiam que cada um fizesse o seu barraco, depois nos vimos que não ia dar pé e fizemos um barraco só. A prefeitura deu um modelo para nós, que tinha que desmontar cada vez. Nos pleiteamos com eles, primeiro eles não queriam aceitar, quando nós vimos que as outras feiras ficam uma bagunça, nos fizemos como a gente quis". "Elas são organizadas pela prefeitura, a nossa é organizada por nós".

Para o Danilo a feira que eles fazem no Morro da Caixa não é diferente das outras apenas no aspecto funcional, mas também na transação comercial entre os agricultores e os consumidores, assim como entre os agricultores há uma solidariedade muito grande.

" Tem uma diferença grande. As outras feiras cada um leva sua mercadoria, sistema de exploração, nos levamos num caminhão é do sr. Raimundo. Lá vendem pelo mesmo preço, a gente se baseia um pouco com o preço do comércio, vende sempre mais barato um pouco do preço do CEASA". (sr. Danilo).

A produção dos cinco colonos é levada para o Morro no caminhão do sr. Raimundo, cada um paga @ 500,00 de frete.

" Todos vendemos os produtos pelo mesmo preço. A gente vê conforme o tamanho do tomate, se for graúdo faz um preço mais alto do que o pequeno". (sr. Raimundo).

" A prefeitura deveria incentivar mais a feira comunitária nos que tivemos a iniciativa e fizemos os baracos no Morro e pagamos 100,00 cada um de taxa para a prefeitura".

" Em Joinville a prefeitura dá mais incentivo, a gente vê que se interessam para resolver o problema, Lá foi a prefeitura, aqui teve que a comunidade se interessar". (sr. João).

Os agricultores da Comunidade São João se relacionam com esse setor mais pobre da sociedade através do mesmo mecanismo econômico com que eles se relacionam com o resto da sociedade: o mercado.

E nesta relação há uma clara consciência de que há outras camadas da sociedade na mesma situação de explorados que eles. Então, surge como resposta a isto uma solidariedade que se manifesta no cuidado com o leite, por exemplo, e na preocupação de não explorar os moradores do Morro da Caixa d'Água nas transações comerciais.

4.2. A Opinião sobre a comunicação

Não existe uma banca de jornais e revistas na comunidade
do Jato. Jornais são comprados quando alguns os leem. Geralmente por
ocasião dos trabalhos de escola. Não há opinião sobre a imprensa que
seja das as opiniões de qualquer um na comunidade. Não há opinião
de parte alguma sobre a imprensa de parte alguma. Não há opinião
de parte alguma sobre a imprensa de parte alguma.

Para obter as opiniões dos moradores e da comunidade em
geral, foram realizadas por três dias, durante a semana de trabalho
das pessoas de laboratório, três entrevistas.

Uma de entrevistados que respondeu foi o Sr. João, que
de acordo com o relato, possui um rádio de mesa e um rádio portátil
trabalha no Jato há 15 anos.

4. A COMUNICAÇÃO

Uma das primeiras perguntas feitas foi sobre a existência
de jornais e revistas na comunidade. A resposta foi que não há
nenhuma dessas publicações na comunidade.

Quando perguntado sobre a existência de rádio na comunidade,
o Sr. João respondeu que possui um rádio de mesa e um rádio portátil.
Ele disse que o rádio de mesa é um rádio de mesa e o rádio portátil
é um rádio portátil.

Quando perguntado sobre a existência de televisão na comunidade,
o Sr. João respondeu que não possui televisão na comunidade.

Quando perguntado sobre a existência de telefone na comunidade,
o Sr. João respondeu que não possui telefone na comunidade.

Quando perguntado sobre a existência de cinema na comunidade,
o Sr. João respondeu que não possui cinema na comunidade.

Quando perguntado sobre a existência de teatro na comunidade,
o Sr. João respondeu que não possui teatro na comunidade.

Quando perguntado sobre a existência de dança na comunidade,
o Sr. João respondeu que não possui dança na comunidade.

Quando perguntado sobre a existência de esporte na comunidade,
o Sr. João respondeu que não possui esporte na comunidade.

Quando perguntado sobre a existência de música na comunidade,
o Sr. João respondeu que não possui música na comunidade.

Quando perguntado sobre a existência de artes e ofícios na comunidade,
o Sr. João respondeu que não possui artes e ofícios na comunidade.

4.1. A Opinião sobre a comunicação

Não existe uma banca de jornais e revistas na comunidade São João. Jornais só aparecem quando alguém os traz. Geralmente por aqueles que trabalham na cidade. Esta é a oportunidade para os que quase não se deslocam da comunidade de lerem jornal. Dona Flávia lê A Ponte quando o seu marido traz do serviço. Augusto lê jornal poucas vezes, somente quando ele compra na delegacia.

Pela falta de acesso aos jornais e pela facilidade de se ver TV, pode-se concluir que ler jornal não faz parte do dia-a-dia das pessoas da Comunidade São João.

Para os agricultores torna-se mais justificável a escolha de obter informações através da televisão. O envolvimento com o trabalho na roça não permite a leitura de jornal porque dispenderia muito tempo.

" Eu leio jornal lá uma vez por outra. Jornal é muito difícil. Jornal da TV eu assisto sempre". (sr. Raimundo).

" Quem trabalha na roça tem que levantar cedo para tirar leite da vaca e não pode dormir muito tarde, porque chega as oito e já está cansado". (dona Leduina).

" A gente luta a semana inteira na roça, não tem nem tempo de sair para procurar jornal". (sr. João).

O trabalho na roça é intenso. Até mesmo assistir TV não faz parte importante do cotidiano dos agricultores. Os programas nos quais eles tem interesse, como o noticiário, são no horário compreendido entre o fim do trabalho e a necessidade de descanso, que ocorre muito cedo.

O conflito entre o trabalho (ou os estudos dos seus filhos) e a perda de tempo na frente da televisão torna-se mais evidente quando se constata que, por exemplo, o sr. Nelson se recusa a ter televisão. Ou então no caso do sr. Miro e a dona Leduina cuja televisão quebrou e eles não têm nenhum interesse em consertá-la.

" É a perdição grande que entrou, a nossa está queimada a um mês, eu nem me preocupo em arrumar, se tem TV, eles (os filhos) deixam de estudar". (dona Leduina).

" Eu não gosto, a mulher gosta menos ainda. Com televisão em casa a família fica meio malcriada, tem dois aí que são encantados por televisão, mas a mãe não gosta de televisão. Mas aqui todo mundo tem televisão". (sr. Nelson).

Concluir que a televisão é um elemento que pode trazer más influências para o comportamento da família é comum entre os agricultores da comunidade São João. Porém a decisão de não ter televisão, atualmente , causa surpresa.

O sr. Nelson contou que quando estavam construindo a sua casa o construtor fez questão de colocar uma tomada para a TV. A resposta do sr. Nelson foi segura.

" Eu disse que não precisava, porque não ia comprar televisão, mas o homem insistiu porque todo mundo acaba comprando, mas está ali a instalação sem televisão. Tem família que não passa sem TV".

O sr. Nelson sabe que seus filhos gostam de televisão. O Jaime não considera a TV completamente má, ele acha que as vezes pode ser bom assisti-la.

Porém, num dialogo entre pai e filho, sobre o assunto, o sr. Nelson argumentou que:

"Se tu for na roça, depois vem ver televisão, não quer mais voltar para a roça".

Ele já passou pela experiência de ter televisão em casa, foi quando uma de suas filhas trouxe a televisão.

" Eu tive uma filha que passou o resguardo aqui e trouxe a TV, eu passei um trabalho com ela, daí a minha filha levou embora".

A TV não é somente desprezada pelo conflito entre o tempo e trabalho, ou tempo e estudos. Também a programação não satisfaz os agricultores. Há uma seleção do que é bom para assistirem. Aqueles que tem televisão gostam de assistir o noticiário.

" A TV é só até passar o jornal, de dia não tem nada"
(sr. Danilo).

A dona Leduina, mesmo sem televisão, manifestou que gosta de ver jogo, quanto as novelas, ela acha uma "perdição".

O sr. Raimundo não assiste e, também não deixa os seus filhos assistirem, novela e filme, ele justificou com o seguinte

motivo:

" Porque não adianta, o tempo que perde ali só aprendendo coisa errada, tão ali fígado vendo coisa que não interessa. Poderiam estar dialogando com a família".

Para o sr. João, a tv serve apenas para assistir " repórter", missa e jogo. " Agora o resto ...". (sr. João).

Quando foi questionado sobre a impossibilidade de conciliar o trabalho da roça com a televisão, ele declarou:

" Daí a gente vai lá e apaga. A hora que tem coisa que não é para ver eu não deixo ver". " Se deixar perdem o tempo todo na frente". (sr. João).

Para não interferir no trabalho da roça, passei a entrevistar os agricultores no horário mais conveniente para eles, geralmente após as 19 horas. Numa entrevista com o sr. Danilo coincidiu que toda a família estava reunida na cosinha aguardando o jantar, enquanto assistiam o jornal Nacional da Globo. (14/10/82). Achei importante registrar os depoimentos do sr. Danilo e um do Zequinha com relação às notícias, pela espontaneidade que foram ditos e pelo elemento crítico.

Quando passou uma notícia sobre a repressão ocorrida na Polônia contra o Sindicato Solidariiedade, o sr. Danilo fez a seguinte observação: " Isto é uma tristeza".

Outro comentário ele fez com relação à notícia sobre o Major Curió: " Esse já devia ter levado".

O comentário, feito pelo Danilo, para a notícia do Pelé jogando bola com algumas crianças no pátio da Casa Branca, levou-me a concluir que ele assiste o noticiário com o objetivo de não apenas saber o que está acontecendo pelo mundo. Ele tem interesse em notícias que tenham relação com a sua realidade.

O sr. Danilo observou com desprezo de que isto não era notícia, que para ele não interessava saber que o Pelé estava jogando bola na Casa Branca.

Talvez o mesmo eu possa interpretar sobre a observação que o Zequinha fez quando apresentaram a missa de sétimo dia pela morte

de Grace Kelly: " Se fosse missa para pobre não falaria nada".

Os agricultores tem um interesse específico ao assistirem o noticiário da TV. Isto ficou mais evidente na entrevista com o SR. João. Quando ele me contou sobre uma reportagem que viu na televisão que fazia uma comparação entre os preços dos adubos e o preço de venda dos produtos. Para ele foi: " A primeira reportagem que eu vi sobre o prejuízo".

É a necessidade de os agricultores verem o meio de comunicação que está mais acessível ao seu tipo de vida, como um elo de comunicação, que informe o Governo sobre a realidade dos agricultores, suas dificuldades e interesses.

Conversando com o sr. João sobre o objetivo da minha pesquisa ele deu o seguinte depoimento, demonstrando claramente o seu interesse ao assistir o noticiário da TV:

" Tu sabes que eu acho que o governo acha que a situação tá boa para o colono? A gente nunca viu alguém explicar como tá a situação da gente".

Durante o levantamento do material da pesquisa, sempre que possível, eu procurava explicar quais eram os meus objetivos, e a importância de ouvir todas as pessoas que faziam parte da comunidade São João. Acredito que eles foram acompanhando a trajetória percorrida nas entrevistas, assim como o meu método de trabalho. Porque o sr. João deu o seguinte depoimento como solução para a falta de comunicação entre os agricultores e o Governo:

" Agora se tivesse bastante reporter como tu estás fazendo, as autoridades poderiam ficar sabendo". (sr. João).

Em outro depoimento, desta vez do sr. Danilo, pude averiguar a importância que ele dá à notícia feita a partir de muitas entrevistas. Conclui isto pela sua observação ao trabalho do jornalista Paulo Prado, que fez uma matéria na comunidade São João sobre o uso de inseticidas para o jornal O Estado, na qual consta apenas a declaração de sua mãe.

4.3. Boletim Comunidade São João

A criação do Boletim da Comunidade São João foi uma iniciativa da própria comunidade. A intenção já existia e voltou a ser manifestada na primeira reunião da comunidade São João que participei, dia 22/08/82. Neste dia, apresentei-me como estudante de jornalismo, que pretendia fazer uma pesquisa sobre comunicação no Sul do Rio e expus o seu objetivo principal. Em seguida, o Jaime se referiu ao desejo que a comunidade tinha de fazer o seu jornalzinho. Um senhor, (na época eu desconhecia o nome das pessoas) disse que seria difícil fazer um jornal porque ninguém da comunidade entendia do assunto. Sugeri que o jornal seria feito por todos aqueles que estivessem dispostos a colaborar: eu apenas orientaria naquilo que fosse possível. Então, marcaram uma reunião para discutirem sobre como seria o jornalzinho. Ela se realizaria no domingo seguinte, algumas horas antes do horário normal da reunião de reflexão sobre a Bíblia.

Tal reunião foi muito rica em conteúdo, serviu para dar a orientação que o jornalzinho tomaria. No seu início estavam as pessoas interessadas no jornal e a família do sr. Miro e dona Leduina, que ofereceu a sua casa para a reunião daquele domingo. À medida que o tempo passava o grupo de pessoas ia aumentando com os que vinham participar da reunião costumeira. Este detalhe é importante, pois elas se envolviam com a discussão sobre o jornal e colaboravam com a sua opinião. Assim, as funções do jornalzinho foram decididas por todos os membros da comunidade.

O jornalzinho da comunidade São João tem duas funções que estão diretamente interligadas.

Uma delas diz respeito aos participantes das reuniões. É a oportunidade de registrar a história da comunidade em geral e a história do grupo de pessoas que está se reunindo há quatro anos. Os objetivos são precisos. Na confrontação destas histórias pode-se fazer uma avaliação entre o tempo que as pessoas não se reuniam e atualmente. Sobre a história da comunidade São João foram enumerados três itens de interesse: como surgiu a comunidade, suas conquistas e os interesses para o futuro. O jornalzinho estaria voltado para as notícias especificamente locais.

Esta função, embora se relacione diretamente com as pessoas da comunidade São João, tem implicações diretas com a função do jornal junto às pessoas que não participam das reuniões. Partindo do pressuposto de que tais pessoas não conheçam nada sobre as reuniões, o jornalzinho seria um meio de comunicação que despertaria a vontade delas de se unirem ao grupo. Ou a idéia para a formação de outros grupos.

Os jornais seriam distribuídos, justamente para atender esta função, nas missas realizadas todos os finais de mês, quando estão presentes não apenas as famílias da comunidade São João, mas grande parte dos seus vizinhos que não participam das reuniões.

Registrando a história, o jornal teria a função de solidificar a união entre as pessoas da comunidade São João e de aumentar o número de pessoas nesta união. As notícias sobre os problemas locais de caráter comum - pois, por exemplo, toda aquela região sofre com as enchentes - seriam o eixo de atração de novos participantes, que unidos em maior número teriam maior força para solucionar tais problemas.

A reunião começou da seguinte forma:

Jaime - " Como que a gente poderia fazer o jornal? É a pergunta essencial que a gente tem que fazer".

O Jaime considera o jornal do Morro da Caixa muito simples, ele acha que o jornal da comunidade São João deveria ser mais trabalhado. (O jornalzinho do Morro da Caixa d'Água é elaborado pela comunidade do Morro da Caixa, ele tem o seguinte nome : Nosso Jornal).

O Chico começou a questionar as pessoas se achavam importante um jornal para a comunidade.

Todos se manifestaram positivamente.

Jaime entrevistou dizendo que " seria bom para as pessoas se introduzirem às reuniões, quem sabe eles lendo o jornal".

Chico - " O que sairia no jornal?".

Jaime - " O jornal seria para divulgar as notícias daqui".

Uma senhora falou que o " que é bom deve se transmitir".

Chico - " O que deveria sair no jornal?".

sr. Miro - " Deveria sair tudo, assuntos da comunidade, da roça".

Chico - " O que é importante saber das pessoas?".

Walter - "Como é que foi a história, como viviam. Os primeiros habitantes se viviam em união ou não".

sr. Miro - " Antes era bom dia e olhe lá. Não tinha esse sorriso não".

Porém, não faltou a opinião contrária: " Hoje em dia não vai ninguém na casa do outro não. Antigamente, tinha mais amizade, o povo se entendia mais, não tinha televisão".

Definidas as funções do jornalzinho, decidiram que o jornal seria doado. Então, surgiu o questionamento sobre qual seria o território da Comunidade São João. Ocorreu a seguinte discussão:

Chico - " Onde começa? Desde lá na estrada? Se vamos colocar - na nossa comunidade moram tantas pessoas - seria até onde?".

- " Até o Melo".

Comentaram sobre o Osmar que participa das reuniões e mora fora da divisa adotada como sendo território da comunidade. A solução foi ampliar o seu território.

Atualmente, já saíram três números do Boletim da Comunidade São João.

As suas funções continuam asseguradas. Para o número quatro há intenção de se comentar os estatutos do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. O objetivo é de aumentar a participação no Sindicato.

Ocorreram algumas modificações nas decisões iniciais.

Por exemplo, quanto ao seu tamanho. Os dois primeiros números foram de quatro páginas do tamanho ofício, já o número três passou a ter cinco páginas.

O jornalzinho está sendo elaborado e discutido por um número variável de cinco pessoas da comunidade e por mim.

Em todos os sábados, nós nos reunimos na casa que foi cedida para ser o Postinho de Saúde.

A minha participação na elaboração do Boletim Comunidade São João foi facilitada pela pesquisa de conhecimento da realidade da Comunidade São João, que eu desenvolvia paralelamente.

Sugeriram entrevistar o pai do sr. Miro sobre a história da comunidade.

Alguém sugeriu que as "duas coisas tem que estar presentes no jornal - como se formou a comunidade e como surgiu o grupo".

- "A história do grupo está dentro da história da comunidade".

- "Começar pela comunidade".

Walter - "Não deixar nada para trás, o primeiro jornal vai ser a base. Tem que falar tudo".

Jaime - "O primeiro número só com a história da comunidade. A história do grupo tem que entrar na história da comunidade. Fazer uma comparação do tempo que o pessoal não se reunia".

O sr. Miro entrevistou dizendo que eles não se reuniam antes. Nem para rezar o terço.

Jaime - "Fazer uma comparação para ver se melhorou ou não".

Ata - "Poderia pesquisar a tradição - Cantoria da Bandeira".

Walter - "Pau-de-fita".

Walter começou a cantar uma música, que o Chico identificou e disse que ela também era cantada pelo grupo de Caçumbi no Morro da Caixa.

Um senhor falou que antigamente só se colocava calça comprida com 15 anos. Outro disse que as crianças antigamente não eram tão espertas como as de hoje.

O Jaime acha que a primeira edição só deve contar a história. Ele consultou a dona Lídia, a mais idosa presente, se as pessoas tinham o costume de se reunirem.

Dona Lídia disse que não havia reunião, só "a reunião da noveninha, mas reunião de família não".

Jaime - "Nós teríamos que entrevistar tipo jornalista? Como que a gente ia fazer?".

Comentaram se utilizariam gravador. O Walter disse que seria necessário, porque eles não têm a prática que eu tenho para anotar tudo.

Dona Lídia - "Não diz que vocês vão gravar a minha voz?".

Jaime - " Notícias de outras comunidades que tem os mesmos problemas daqui".

- " Começar desde o começo, história sobre o começo".

- "De onde a comunidade nasceu , o que está pretendendo".

...

Ao debaterem sobre o tamanho do jornal, opinaram que o seu tamanho dependeria do número de notícias. O Jaime sugeriu que fosse composto por três ou quatro folhas de ofício dobradas ao meio. Então, constatei o conflito entre o tempo dedicado ao trabalho da roça e o tempo gasto vendo TV, (citado anteriormente no item 1). Desta vez, com relação ao tamanho do jornal. Algumas pessoas disseram que preferiam um jornal pequeno, pois não teriam tempo de le-lo caso fosse muito grande.

...

O Jaime sugeriu um nome para o jornal: Comunidade São João. Alguém se referiu ao fato de que nem todas as pessoas que receberiam o jornal participam das reuniões . Foi no desenvolvimento deste assunto que as funções do jornalzinho se revelaram a todos.

Alguém se referiu ao nome sugerido pelo Jaime para o jornal: Comunidade São João. " Existem pessoas que receberiam o jornal e que não são da comunidade".

O Chico perguntou se seria a história da comunidade que se reúne há quatro anos ou da comunidade geral.

- " História desse grupo".

Ata- " Eu não sei a história daqui".

- " Como o pessoal veio, como vive, completando como a gente faz as reuniões".

Chico - " A história do pessoal que se reúne faz parte da história da comunidade toda".

- " O problema é que os outros não conhecem nada das reuniões ".

O Chico se referindo à história , opinou sobre um assunto: " se muita gente deixou de plantar e foi para a cidade".

sr. Miro - " Antigamente só plantavam cana e mandioca".

Ata - " Se ninguém contar, vai se perder".

No número 1 do Boletim Comunidade São João, saíram as seguintes notícias: "Grupos de Jovens participam da I Gincom"; "História da comunidade"; "No Pará, padres e posseiros doram condenados"; "Via-Sacra em Florianópolis." (Ver anexo II)

Com exceção da "História da Comunidade", todos os outros textos foram redigidos pelo Ata. A "Via -Sacra em Florianópolis" realizada no dia 31 foi notícia no boletim porque muitas pessoas da comunidade participaram dela. O Chico comunicou em uma das reuniões de domingo (27/08/82) que o dia 31 seria o dia nacional de protesto contra a condenação dos posseiros e padres de conceição do Araguaia. Ele pediu para que as pessoas opinassem sobre o que se poderia fazer nesse dia. Entre algumas opiniões surgiu a observação de um rapaz dizendo que teria que ser feito " algo para ser notado, que vejam que aqui tem gente preocupada com eles".

Esta notícia pode servir como material para jornalismo comparado. Dia 01/09/82 pareceu no jornal O Estado, página 13, uma notícia sobre o mesmo assunto, com o seguinte título " Uma Via-Sacra pelos posseiros". É interessante comparar a matéria feita pelo Ata, que participou da Via-Sacra e a cobertura da grande imprensa. (Ver anexo III/1)

A história da comunidade foi elaborada por vários jovens da comunidade. Eles fizeram uma relação das pessoas mais idosas e se dividiram para entrevistá-las.

Os desenhos foram feitos pelo Ata.

A escolha das notícias e os desenhos para ilustrá-las foi feito em conjunto, durante as reuniões de sábado.

No boletim número dois saíram as seguintes manchetes: "Dragagem do Rio Cubatão; uma luta dos agricultores; Continuação da história da comunidade; Em Santo Amaro, eleições da PJ; Encontro dos Movimentos populares em Palhoça; Agenda das reuniões. (Ver anexo II)

"A Dragagem do rio Cubatão: uma luta dos agricultores" foi redigida pelo Chico.

No Encontro dos Movimentos populares em Palhoça participaram muitas pessoas da comunidade São João. A notícia é um registro histórico para a comunidade.

O pequeno texto da última página, "Você sabia?", foi escrito pelas pessoas do Sertão. Há comunicação entre os moradores do Sertão e a comunidade São João. O Walter, que participa no Sertão de um grupo de jovens, foi quem os informou sobre a existência do boletim da comunidade São João e pediu a colaboração deles com alguma notícia. A notícia tem continuação no boletim nº 3.

A minha participação tanto neste número como no anterior se limitou à discussão da sua elaboração.

No boletim número três saíram as seguintes manchetes: "Dragagem do rio, a luta continua"; "História da Comunidade" (continuação); "Encontro sobre as feiras comunitárias"; "Comunidade participa de Encontro de CEBs"; "O povo se organiza em Vila Santana"; "Natal: esperança de vida nova."

A história da comunidade São João foi escrita pela Lena. Embora ela não tenha participado das reuniões do Boletim, pediram a sua colaboração porque ela já possuía anotados alguns dados sobre o início das reuniões da Comunidade São João.

O editorial foi escrito por mim, procurei colocar algumas idéias baseadas nos depoimentos das pessoas da comunidade.

A notícia sobre a dragagem do rio foi redigida pelo Jaime que entrevistou o sr. Danilo para obter os dados. "Encontro sobre feiras comunitárias" também é do Jaime que esteve em Joinville participando do Encontro.

O Ata redigiu a notícia sobre o encontro das CEBs. Ele esteve em São João Batista.

Os desenhos são do Ata.

Somente a diagramação do primeiro boletim foi um trabalho coletivo, os dois seguintes foram diagramados somente pelo Ata. O motivo é a falta de tempo.

Todos os boletins foram reproduzidos por uma copiadora, gratuitamente por amigos.

O boletim é distribuído no Sertão, no Morro da Caixa e no Sul do Rio. O boletim da Comunidade São João já foi notícia no número 20 do Boletim Cheiro da Terra elaborado pela Comissão Pastoral de SC. Eles tomaram conhecimento do boletim através do Ata. (Ver anexo III/2).

4.2. Como eles se comunicam

As pessoas da comunidade São João participam de outros tipos de reuniões: grupos de jovens, grupos de famílias, ou quando alguns se reúnem para rezar a novena. Porém, eles só estão todos juntos quando formam o grupo de reflexão da Bíblia Comunidade São João.

É na reunião da comunidade São João que seus elementos juntos tomam decisões referentes aos interesses da comunidade. Por exemplo, foi numa das reuniões que eles decidiram que mais uma vez uma comissão iria pressionar o secretário de Obras e Transporte para a construção da dragagem. O resultado desta visita só foi do conhecimento de todos quando comentado em uma das reuniões.

Isto não afasta a possibilidade de comunicação entre um que participou e outro que não participou da visita para saber seu resultado. Esta informação pode até se expandir por mais algumas pessoas, mas não chega a abranger todos os elementos da comunidade, como ocorre com uma informação divulgada durante a reunião da comunidade São João.

O depoimento do sr. Marzinho, que embora não participe regularmente das reuniões, fica informado do que ocorre nelas através do seu filho, Osmar, que participa, ilustra esta conclusão:

" A dragagem do rio, eu fiquei sabendo pelo Osmar que vai na reunião. Estas coisas são assim, se a gente não participa não sabe de nada. A TV não noticia nada sobre isso".

As reuniões da comunidade São João possibilitaram um contato mais forte e um melhor conhecimento entre os moradores do Braço São João, Sul do Rio e Morro dos Quadros, gerando amizade e confiança.

" Nós quase não se conhecia, o sr. Arno, a dona. Cecília, a gente via quando passava na frente da casa deles, e nunca conversava com eles. Só se conhecia de vista, nos morávamos aqui e pouco nos se conhecia. Depois que começou a reunião que a gente passou a se conversar, tem toda confiança um no outro, antes era mais chucro". (sr. João).

Outro fator de comunicação passou a existir na comunidade com a criação do Boletim Comunidade São João. Ele tem funções específicas que serão abordadas no próximo item.

" Se ele quizesse fazer uma reportagem sobre agricultor iria para Sul do Rio que tem mais agricultor e , só veio aqui fazer a reportagem e foi embora".

Conversando com o Danilo sobre os objetivos da minha pesquisa, ele deu o seguinte depoimento:

" Não noticiam bem a verdade, botam aquilo que eles querem colocar".

" Tem que procurar fazer aquilo que é verdade. Dizem que é informativo, é mais comércio que comunicação".

A notícia a que me referi anteriormente pode ter sido o motivo de suas conclusões.

Afinal, esta notícia o levou a complicações que abordarei no próximo capítulo.

5.1. As notícias da comunidade São João

As notícias da comunidade São João...

As notícias da comunidade São João...

As notícias da comunidade São João...

As notícias da comunidade São João...

As notícias da comunidade São João...

5. A PESQUISA NO JORNAL O ESTADO

A pesquisa no jornal O Estado...

A pesquisa no jornal O Estado...

A pesquisa no jornal O Estado...

A pesquisa no jornal O Estado...

A pesquisa no jornal O Estado...

A pesquisa no jornal O Estado...

A pesquisa no jornal O Estado...

A pesquisa no jornal O Estado...

A pesquisa no jornal O Estado...

A pesquisa no jornal O Estado...

A pesquisa no jornal O Estado...

A pesquisa no jornal O Estado...

5.1. As notícias da comunidade São João

Foram as seguintes as notícias publicadas sobre Sul do Rio, no jornal O Estado:

" Colonos pedem reforma agrária e dragagem de rio" - dia 30/07/80, pg. 20. (Anexo III/3).

" Igreja denuncia irregularidades ligadas à terra" - dia 14/10/80, pg. 15. (Anexo III/4).

" A eterna inundação do Rio Cubatão poderá acabar hoje" - dia 18/03/81, pg. 26. (Anexo III/5).

Durante o ano de 1979 não houve nenhuma notícia sobre Sul do Rio. Somente após a formação da Comunidade São João é que a reivindicação de soluções para o problema das enchentes que toda aquela região sofre, passou a ser notícia no jornal O Estado.

Este fato faz parte da luta da comunidade para conseguir a dragagem. O interesse de que o seu problema apareça no jornal é da comunidade São João, são eles que fizeram contato com reporteres do jornal O Estado para serem notícia.

Comentando com o sr. Danilo sobre estas notícias, ele disse o seguinte: " Saiu a verdade, principalmente aquela vez em Joinville (" Igreja denuncia irregularidades ligadas à terra"), não acrescentaram nada, não colocaram nada por conta própria", referindo-se ao fato de que os jornalistas não interferiram no conteúdo expresso por eles.

Porém ele protestou pelo fato de não ter saído o nome dos proprietários das terras que terão que ser cortadas para a execução da dragagem. Ele se referia à notícia: " Colonos pedem reforma agrária e dragagem do rio".

Após a publicação desta matéria, uma comissão de agricultores do Sul do Rio, sendo a maioria da Comunidade São João, estiveram na Secretaria de Obras e Transporte reivindicando a dragagem. O sr. Danilo disse que o fato de ter saído a notícia no jornal antes de eles irem à Secretaria, causou uma certa apreensão na Secretaria de Obras e Transporte, eles pensavam que fosse sair um " manifesto de agricultores".

Na Secretaria de Obras e Transporte estavam presentes os prefeitos de Palhoça e de Santo Amaro. O secretário aprovou a dragagem e liberou o dinheiro. Porém no dia seguinte o prefeito de Palhoça reuniu os dois proprietários das terras a serem cortadas pela dragagem, e o presidente do Sindicato (que comunicou o fato aos agricultores), para irem novamente à Secretaria levando um abaixo-assinado dos moradores de Palhoça, onde se dizia que a execução da dragagem traria problemas para eles. O abaixo-assinado foi feito indo-se de casa em casa, alertando os moradores de que a dragagem prejudicaria Palhoça.

Certa vez conversando com o sr. Nelsom e o Jaime eu lhes perguntei qual a notícia que eles gostariam que saísse no jornal O Estado sobre a comunidade. O Jaime citou a dragagem.

A seguir eles tiveram o seguinte diálogo:

Sr. Nelsom - " Mas deu a brabura no prefeito de Palhoça".

Jaime - " Sobre a dragagem do rio. Seria interessante para os outros saberem da nossa luta".

Sr. Nelsom - " Mas os maiores não querem".

Jaime - " Mas se os pequenos se reunirem".

Sr. Nelsom - " Não é bom sair, porque vej dar problema".

O sr. Nelsom estava se referindo à agressão que o Chico sofreu por parte do prefeito de Palhoça. Este fato foi notícia no jornal alternativo Afinal. Após a notícia " Colonos pedem reforma agrária e dragagem do rio", o conflito entre os moradores do Sul do Rio e o prefeito de Palhoça tornou-se acentuado, então justifica-se o receio do sr. Nelsom de que a reivindicação da dragagem fosse notícia novamente. Creio que ele não teve conhecimento de que isto ocorreu duas vezes mais. (Ver anexo III/6).

Dia 10/11/81 a feira que os agricultores fazem no Morro da Caixa d'Água foi notícia: " Pequenos produtores vendem para consumo de baixa renda", página 20. (Ver anexo III/7).

Dia 29/07/82 apareceu uma matéria, na página 6, com o seguinte título " Agrotóxicos lançados em riacho perto dos Pilões".

Esta matéria foi feita no Sul do Rio. O repórter Paulo Prado entrevistou a mãe do sr. Danilo apenas, Uma série de fotos foram tiradas e utilizadas nas matérias seguintes sobre o mesmo assunto. São elas: " CASAN nega contaminação da adutora de Pilões", página 6, dia 30/07/82, " Os defensivos devem ser proibidos?", página 22, dia 28/08/82. (Ver anexo III/8/9/10).

O sr. Danilo tomou conhecimento desta notícia por intermédio do agrônomo da Acaresc. Porque na matéria sua mãe declarava que o agrônomo não orientava sobre o uso de inseticidas e que era difícil o agrônomo aparecer ao Sul do Rio. Nas palavras do sr. Danilo: " Este jornal prejudicava o agrônomo". Porém, para que o agrônomo não perdesse o seu emprego, o sr. Danilo foi até a Acaresc desmentir a notícia.

As matérias seguintes geradas pela primeira enfocavam o assunto apenas do ponto de vista ecológico. A repercussão que teve junto a Acaresc e o envolvimento com o sr. Danilo, ou melhor, o grande problema que a matéria evidenciou a falta de orientação do agrônomo, não foi mais abordado.

O sr. Danilo ficou intrigado pela matéria ter sido feita no Sul do Rio, justamente onde ele mora, que é um local afastado da estrada geral. Ele contou de locais onde há um uso muito maior de agrotóxicos e as embalagens também são jogadas no rio Cubatão.

O fato se explica porque a notícia " Agrotóxicos lançados em riacho perto dos Pilões" foi feita pelo mesmo repórter que fez a matéria " A eterna inundação do Rio Cubatão poderá acabar hoje", no dia 18/03/81.

5.2. Como o jornal O Estado informa ou desinforma.

Depoimento dos jornalistas.

Com a intenção de ilustrar a pesquisa e lhe dar mais dados à comprovação dos seus objetivos, o pesquisador coletou as notícias referentes a três comunidades, que compartilham com o Sul do Rio a situação de oprimidos e explorados da sociedade. Foram publicadas no jornal O Estado durante o período de 1979 a 1982. São as seguintes: Pasto do Gado, Morro do Mocotó e Morro da Caixa d'Água (bairro do Estreito). Estas comunidades apresentam uma certa organização, que se manifesta no jornal através de reivindicações aos órgãos públicos. Foram elas que durante o período citado tiveram uma continuidade como fato a ser noticiado. Poderia se dizer que estas três comunidades foram as mais noticiadas, dentre as comunidades similares da Grande Florianópolis.

Seguem-se as notícias publicadas sobre as comunidades:

MORRO DA CAIXA D'ÁGUA

" Na Caixa d'Água falta luz, esgoto, telefone. E, apersar do nome, até água". Dia 22/04/79, página 15. (SEÇAO BAIROS).

" Não saímos daqui assim. Nem que eles metam os tratores em cima da gente". Dia 17/10/79, página 16. (Transferência de moradores da Caixa d'Água para Forquilha; motivo: construção da via Ponte Colombo Salles à BR-101; indenizações do DNER).

" Muitos problemas no Morro da Caixa". Dia 10/09/80, página 19.

" Moradores da Caixa d'Água pedem justiça". Dia 12/06/81, página 20.

" Cacumbi: tradição africana em Santa Catarina". Dia 02/08/81, página 15. Texto Paulo Barros, foto Lourival Bento. (Referências a Ações de Usucapião no Morro da Caixa).

" Morro da Caixa procura soluções". Dia 12/02/82, página 15.

" Favela cresce: 200 novas casas em seis meses", Dia 01/07/82 página 12.

MORRO DO MOCOTÓ

" O Morro do Mocotó tem o nome de Governo mas seus habitantes estão abandonados". Dia 13/05/79, página 15.

" Amaral: não há mais jeito de 'arrumar o Mocotó' ".
Dia 20/05/79, página 20.

"Violência. Os policiais, os Juizes e médicos divergem. O que leva tanta gente ao crime?". Dia 25/01/81, página 17. Texto Sílvia Fantinatti, Eduardo Paredes, Luiz Fernando A. Bond. (Não há referências ao nome do fotografo da foto do Morro do Mocotó, o qual não é citado, nem na legenda da foto, nem no texto).

" D. Júlia: " Vi o tiro sair da arma do policial' ". Dia 06/05/81, página 06. (D. Júlia reside no Morro do Mocotó). (S. Polícia).

" Mulher baleada em tiroteio recebeu ontem alta médica".
Dia 30/05/81, página 6. (dona Júlia). (Seção Polícia).

" Assaltos, tiroteio e caçada policial agitam a Capital".
(o pesquisador perdeu a data e a página). (Referências a batidas no Morro do Mocotó). (Seção Polícia).

" Povo do Morro grita contra a Polícia, mas também repudia marginais. Como fica?". (idem). (Seção Polícia).

" Morro do Mocotó recebe hoje creche, posto e outras obras",
Dia 02/10/81, página 20.

" Mocotó recebe 'pacote' de obras", página 18, Dia 03/10/81.

"Alfa-Gente garante que poderá continuar mantendo a Creche".
Dia 08/10/81, página 24.

" Os morros em perigo: como fazer com incêndios, deslizamentos e doenças". Dia 01/01/82, página 16. (cita o Morro do Mocotó).
Texto Paulo Prado, fotos Tarcísio Mattos.

" Mocotó vai ter infra-estrutura". Dia 07/02/82, página 15.

" Páscoa no Morro". " Moradores do Mocotó querem apenas saúde". Dia 09/04/82, página 20.

" Determinado início das obras dos acessos ao Morro do Mocotó." Dia 26/10/82, página 14.

PASTO DO GADO

Estão registradas as notícias sobre Forquilha, local para onde são transferidos moradores do Pasto do Gado e Morro da Caixa d'água, por iniciativa do Governo).

" Governo quer transferir favelados. Mas só constrói os banheiros". Dia 17/04/79, página 16.

" O secretário vai à favela, impressiona-se com a miséria, ouve queixas e faz promessas." Dia 26/04/79, página 16.

" Vereador é acusado de ' lotear' a área do Estádio, no Pasto do Gado". Dia 01/07/79. (Seção Bairros).

" Cohab construirá casa para favelados em " Banheirópolis" " Dia 05/07/79, página 16.

" 67 famílias serão removidas para Forquilha". Dia 16/10/79, página 16.

" O maior problema de Forquilhas: a falta de transporte coletivo". Dia 19/01/80, página 16.

" Moradores da Forquilha reclamam da falta de água". Dia 07/05/80. página 16.

Seção Cidade Aberta. Referências à falta de água de Forquilha. Dia 26/06/80, página 16.

" Torneiras estão vazias em seis bairros da cidade".

" Em outros três bairros 500 famílias sofrendo". Dia 29/06/80, página 16.

" A favela do Pasto do Gado está gritando por socorro". Dia 01/09/81, página 18.

Capa: " Pasto do Gado terá 2 mil casas para quem ganha até 3 salários". Página 20: " Prefeitura promete casas e esgoto". Dia 30/01/82, página 20.

" Família de 12 pessoas passa frio e fome por desapropriação do DNER". Dia 23/03/82, página 6.

" O drama da família Melo não terminou". Dia 24/03/82, página 24.

" Caso da família Melo: DNER explica como vem fazendo desapropriações". Dia 30/03/82, página 24.

Capa: Mulheres protestam em frente ao Palácio". Página 6:
" Mulheres do Pasto do Gado vão a Palácio mostrar seus problemas".
Dia 25/09/82,

" Mulheres do Pasto do Gado não querem casas da Cohab".
Dia 30/09/82, página 16.

" O Promorar", título da charge de Clóvis sobre o Pasto
do Gado. Dia 30/09/82, página 4.

" DNER desapropria e não paga". Dia 06/11/82, página 24.
" O drama da família Melo".

" DNER nega que 500 ações estejam em juízo por causa do
acesso da 101". Dia 14/11/82, página 16.

" Pasto do Gado: mais uma remoção". Dia 05/01/83, página 6.

...

Foram publicadas três matérias com textos de Celso Vicenzi,
e fotos de Tarcísio Mattos, sobre comunidades de baixa renda de Flórida
nópolis. Foram as seguintes as páginas de " Periferia".

" Periferia (1)". " Vidas em Desespero". Dia 16/05/82, pá-
gina 17.

"Periferia (2)". " O povo se organiza". Dia 18/05/82, pá-
gina 13.

"Periferia (3)". " Favelas : O que é preciso fazer?". Dia
19/05/82, página 22.

...

Analisando estas notícias, constata-se que durante o ano de 1979 saíram matérias sobre as comunidades de conteúdo interessante. Existia neste ano uma seção chamada " Bairros", que era divulgada aos domingos. A seção abordava os problemas que as comunidade tinham. Porém a partir de 1980 a seção começa a desaparecer do jornal, surge esporadicamente até que deixa de existir sem explicação do jornal.

Em 1980 ocorre a introdução na administração do jornal O Estado de um "interventor" do Estado, o sr. Augusto Wolf.

Indaguei o sr. Luis Fernando Bond, atual pauteiro do jornal, se havia alguma relação na retirada da seção " Bairros", com a nova aquisição no quadro administrativo do jornal do sr. Augusto Wolf.

Ele não se referiu ao sr. Augusto Wolf como um "interventor. Porque ele o considerava um " bom administrador". O jornal O Estado estava passando por problemas econômicos. A vendagem do jornal havia decaído muito. Então, a partir de 1980 o jornal passou por uma reestruturação. A direção do jornal passa a interferir diretamente na linha editorial do jornal. Até então a direção era alheia ao que ocorria na redação, segundo o pauteiro Luis Fernando Bond.

As mudanças na linha editorial do jornal com a intenção de aumentar a vendagem, tiveram como consequência a eliminação da seção "Bairros". Bond comentou que nesta época a seção já estava "saturando o leitor". Porque chegou um período que todos os bairros da cidade já haviam sido cobertos e quase todos apresentavam os mesmo problemas.

Ocorreu posteriormente uma tentativa de retorno. Mas a seção entrava em choque com a linha do jornal. Por ser uma seção política, durante o período de 81 a 82 ela teria que passar por uma vistoria. Então se optou por colocar o tipo de notícias que aparecia nesta seção, nas páginas normais do jornal, inserido no corpo do jornal sem a evidência que a seção " Bairros" propiciava.

Como se observa, O Estado, uma empresa capitalista, estava passando por uma fase negativa economicamente. As medidas adotadas para solucionar o problema foram de ordem política, embora as justificativas dadas sejam apresentadas no campo da comercialização do jornal.

Luis Fernando Bond caracterizou o período anterior às eleições como aquele em que ocorreu uma grande pressão interna. Ele citou este bloqueio da parte da direção do jornal como um " fato desalentador".

Este fato não é de surpreender, pois esta sempre foi uma das características dos órgãos de imprensa em Santa Catarina. Em "Aspectos da Realidade Política de Santa Catarina", de autoria de Moacir Pereira, há a seguinte passagem no capítulo IV - A Atuação da Imprensa:

" ... o jornal era mantido ou orientado em função de interesses políticos para apoiar ou criticar os governos e partidos políticos". O proprietário do jornal O Estado é o sr. Aderbal Ramos da Silva, patriarca da oligarquia Ramos.

Viviane Goulart, reporter do jornal O Estado, confirma o controle nas notícias ocorrido no período anterior às eleições. Ela exemplificou citando a sua matéria " DNER desapropria e não paga". " O drama da família Melo". Dia 06/11/82, página 24. A reporter definiu a matéria como uma "surpresa para a direção do jornal". Posteriormente, como sempre acontece, a direção do jornal pediu à jornalista que isto não acontecesse mais.

Quando acontecem esses casos em que a linha editorial é furada por iniciativa do reporter, a solução do jornal é mandar um outro reporter, não mais aquele que produziu a primeira matéria, para ouvir o órgão do governo afetado, no caso, o DNER. (" DNER nega que 500 ações estejam em juízo por causa do acesso da 101". Dia 14/11/82, página 16).

Neste episódio evidenciam-se dois fatores.

Um deles foi caracterizado por Luis Fernando Bond como uma "redemocratização das reportagens". " Abandonou-se a posição paternalista de excesso de pautas detalhadas. Os reporteres passaram a ter maior poder de decisão".

É o caso da reportagem feita por Viviane Goulart. Ela pode escolher a matéria para fazer a cobertura. Porém, posteriormente, ocorreu aquilo que Bond chama de "pauta fixa", a pauta que acontece por ordem da direção do jornal. Neste caso, aconteceu por interferência ou

pedido de defesa do DNER. A parte criticada da história entra em contato diretamente com a direção do jornal para obter um espaço para se defen-

Bond apresentou este pedido do DNER como " injustificável", pois ele se considera um pauteiro imparcial. Ele jamais deixaria de ouvir os " dois lados da história".

Porém, o que se constata quando a parte criticada ganha um espaço no jornal, é que ela anula a primeira matéria. Pois o último a falar é quem impões sua versão dos fatos ao grande público.

Viviane apresentou outra característica deste tipo de notícia. Como por exemplo a das senhoras do Pasto do Gado que foram ao Palácio do Governo para levar suas reivindicações ao governador. Geralmente, elas são notícias no jornal porque alguém da comunidade teve o interesse de avisar a imprensa.

Viviane relatou que não são apenas fatos relacionados a comunidades que passam por um bloqueio pela direção do jornal. Materias sobre o movimento dos professores são outro alvo. Então, ocorrem os seguintes pedidos: escutar mais o reitor, das menos espaço no jornal. Para concluir isto, Viviane disse que basta ver a diferença entre o editorial do jornal e as matérias sobre a greve dos professores de 1981, por exemplo.

Questionei Viviane Goulart sobre a repercussão do tipo de notícia como a que se referia à falta de indenização do DNER. Ela disse que é nula, porque " o baque que poderia dar, é anulado". " Apenas uma matéria em um jornal voltado para o PDS, se dilui". Complementando, ela declarou que se a linha do jornal fosse outra, o DNER, (dentro do exemplo analisado) tomaria alguma providência. "Como eles não temem o jornal, porque sabem que não sairão mais matérias, nada é feito".

Para concluir estas constatações sobre a relação problemas das comunidades-grande imprensa, percebemos claramente duas posições de parte dos setores sociais excluídos. Uma, expressada por uma moradora do Morro do Mocoto (" O Morro do Mocotó tem nome de governo mas seus habitantes estão abandonados", Dia 13/05/79, página 15".

" Se vocês pensam que vai ser fazendo reportagem que vai resolver o nosso problema, estão muito enganados, a vida da gente só vai mudar no dia em que a gente agir e descer pro asfalto prá exigir o que é de nosso direito".

Interpretamos a colocação da moradora da favela como um desabafo perante o desalento produzido pela falta de resposta do poder público aos problemas concretos da comunidade. O papel do jornal seria apenas o de um intermediário ineficaz entre o povo e o governo.

Já na atitude daqueles agentes das comunidades que informam " por baixo do pano" os fatos de origem popular a determinados reporteres, se percebe uma intenção política mais clara e estratégica. A de comunicar a outros setores da sociedade, excluídos como eles, seus problemas, suas lutas e reivindicações, no intuito de estabelecer laços de solidariedade. O papel do jornal, mesmo pertencente à grande imprensa, seria percebido como o de mediador entre setores sociais. Relembramos aqui a resposta de Jaime, da CEB comunidade São João, quando interrogado sobre qual a notícia da comunidade que ele gostaria de ter publicada no jornal: " Sobre a dragagem do Rio. Seria interessante para os outros saberem da nossa luta".

6.) CONCLUSÕES

1) A CEB Comunidade São João se apresenta como a organização representativa dos agricultores e trabalhadores que habitam no Sul do Rio. Seus membros tem clara percepção dos seus problemas e, encaminham suas lutas e mobilizações em torno da solução desses problemas, seja reivindicando perante o poder público (enchente) seja desencadeando ações concretas no seio da comunidade (escadaria). E mais ainda, articulando-se solidariamente com outros setores do povo (feira, etc). Percebem que a função do Sindicato ultrapassa o mero assistencialismo, e identificam também claramente quais os entraves para a melhoria de suas condições de vida. Porém, em nenhum momento aparece no seu discurso manifesto (depoimentos) uma proposta de mudança radical da estrutura social e econômica em que se encontram inseridos.

2) A grande imprensa não beneficia a organização popular, mesmo porque não é esse seu objetivo, senão o de servir aos interesses dos empresários proprietários desse meios de comunicação, cujos interesses são contraditórios aos dos setores populares. Ao contrário de ser um elo de comunicação entre setores sociais, eles desarticulam os setores do povo na medida que impedem um maior intercâmbio de conhecimento dos problemas, mobilizações e lutas. Há uma ausência flagrante de notícias sobre a realidade das comunidades.

3) Quando o jornal noticia sobre os setores populares, os interesses da comunidade e do jornal divergem. Isto demonstra claramente quais os métodos que são utilizados na elaboração de uma matéria de jornal: os personagens envolvidos não são ouvidos. Não é diferente a atitude dos administradores dos órgãos públicos, pois eles também não consultam a população quanto, por exemplo, às mudanças de ordem física que acontecem na cidade por iniciativa deles. É assim, sem uma consulta prévia às partes atingidas, que são construídas rodovias, como por exemplo a ligação Ponte Colombo Sales- BR 101, etc, As comunidades pobres e sem influência política se vêem meros joguetes nas mãos das

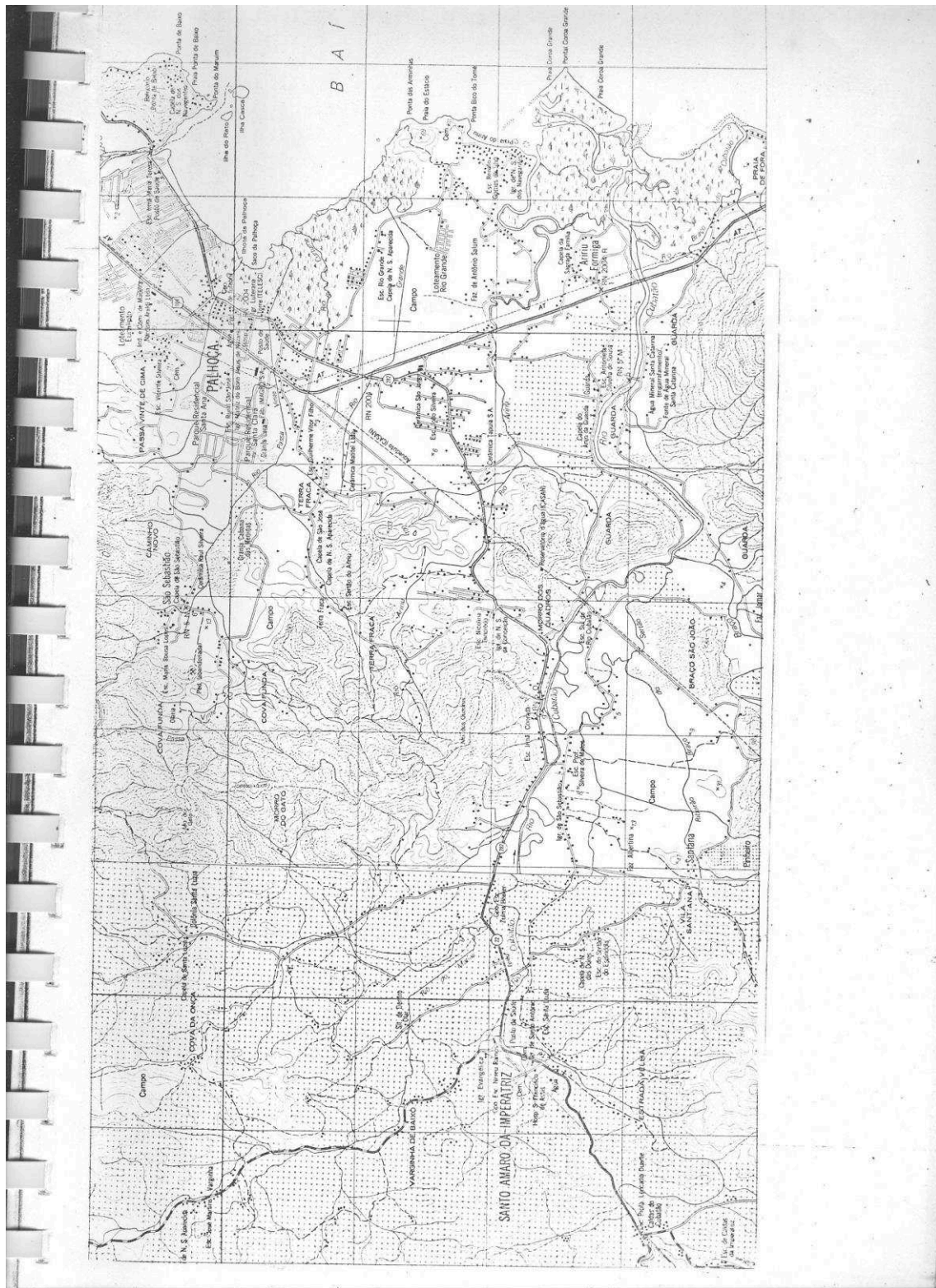
autoridades.

4) O espaço que a sociedade aparentemente possibilita para que a massa se manifeste - o jornal - também é negado aos setores populares. Somente quando uma comunidade se organiza e por canais que fogem ao controle dos donos da imprensa é que eles encontram espaço para serem notícia. A alternativa a propor aparentemente seria a de menosprezar a grande imprensa e enfatizar apenas a criação de uma comunicação alternativa popular.

Porém, as contradições internas no seio da própria grande imprensa e a necessidade política dos setores populares de se comunicarem com outros em busca de aliados solidários, nos levam a concluir que a procura de espaço nos grandes jornais por parte de movimentos populares e jornalistas progressistas não é luta inglória. Muito pelo contrário, como se revela nos depoimentos do sr. João e do jovem Jaime (CEB - Comunidade São João).

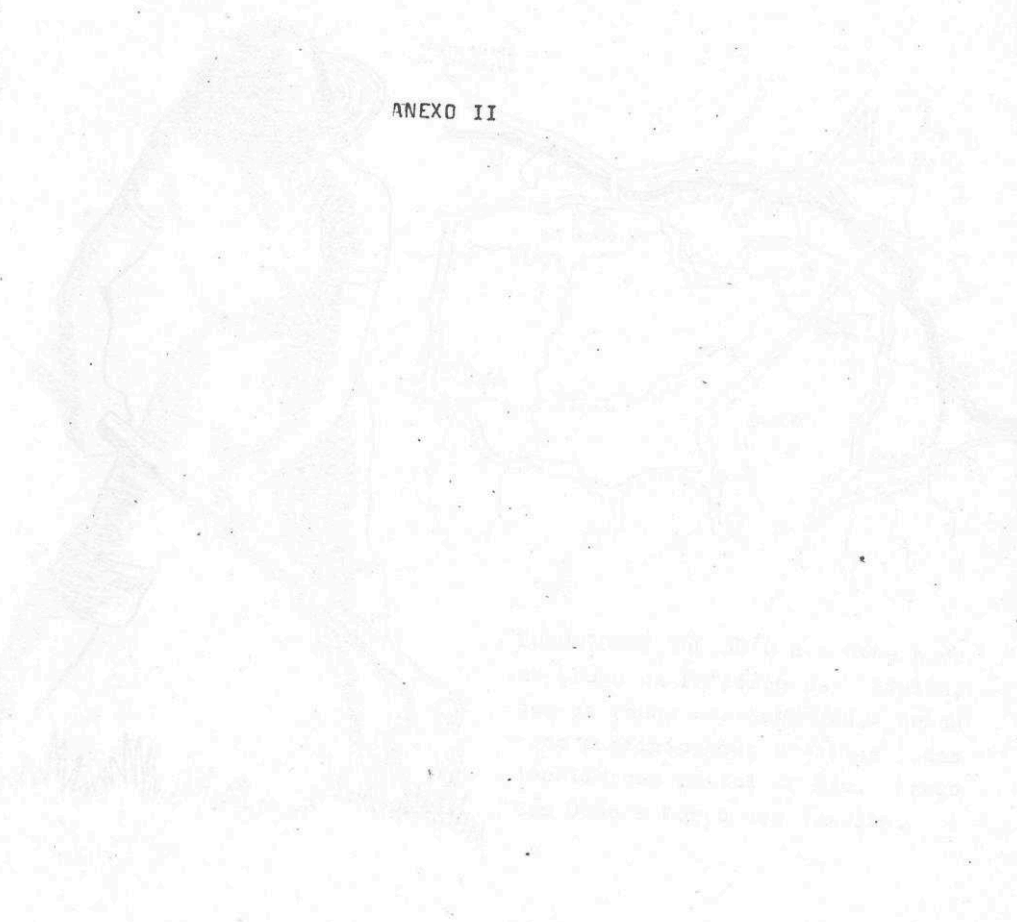
As conclusões acima não significam uma constatação do óbvio. Observar, localizar e registrar a história real de uma comunidade formada por trabalhadores e agricultores (CEB-Comunidade São João) e como ocorre a filtragem de notícias num jornal concreto (O Estado), significa colocar a nu os mecanismos de dominação na grande imprensa que encobrem a história, em confronto com a história real dos setores populares.

ANEXO I



COMUNIDADE SÃO JOÃO

ANEXO II

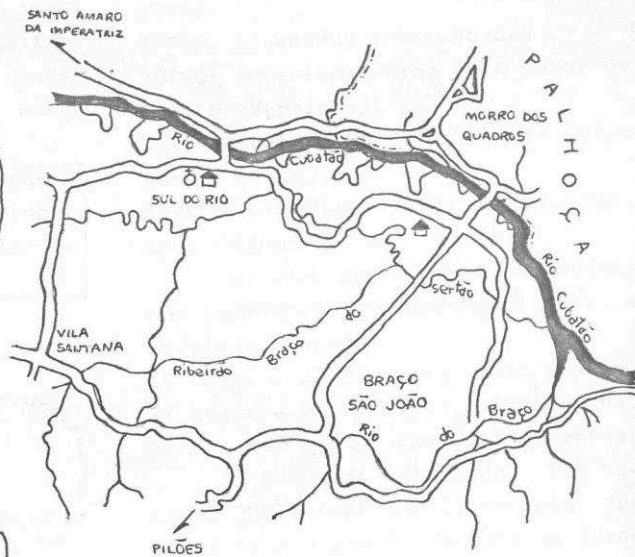


Faint text at the bottom of the page, possibly a footer or additional information, including what might be a date or a reference number.

Boletim COMUNIDADE SÃO JOÃO

ANO I - Nº 1

SETEMBRO/82



COMUNIDADE SÃO JOÃO é o nome dado ao grupo de reflexão da Bíblia, que se reúne aos domingos, tendo como participantes famílias das localidades de Sul do Rio, Braço São João e Morro dos Quadros.

GRUPOS DE JOVENS PARTICIPAM DA I GINCOM.....	Pg. 02
HISTÓRIA DA COMUNIDADE.....	Pg. 03
NO PARÁ, PADRES E POSSEIROS FORAM CONDENADOS.....	Pg. 04
VIA-SACRA EM FLORIANÓPOLIS.....	Pg. 04

COMO SURTIU O BOLETIM "COMUNIDADE SÃO JOÃO".

Para satisfazer as necessidades de comunicação, notícias e união, presentes no dia-a-dia das pessoas, uma equipe se preocupou em lançar um "jornalzinho" que traz desde a "História da Comunidade" até notícias atuais, curiosidades, etc.

O Boletim pretende aumentar a nossa união e organização e colocar aquilo que a comunidade gostaria de saber.



GRUPOS DE JOVENS PARTICIPAM DA I GINCOM.

SANTO AMARO DA IMPERATRIZ- Dia 5 de setembro, no Ginásio de Esportes Estefano Becker, foi realizada a I GINCOM - Gincana Intercomunitária do município.

Inicialmente foi prevista a participação de 10 grupos de jovens, mas somente 6 grupos participaram.

Os grupos participantes foram:

- JUCI: Juventude Unida Caldas da Imperatriz.
- JUCRI: Juventude Unida em Cristo (Págará).
- JUFRA: Juventude Franciscana.
- JUPAC: Juventude Unida Pelo Amor de Cristo (Varginha).
- JUC: Juventude Unida em Cristo (Vargem do Braço).
- JUVISA: Juventude Unida de Vila Santana (Sertão).

Os três primeiros colocados, que receberam como prêmio, troféus e medalhas, foram:

- 1º Lugar - JUCRI, com....970 pontos.
- 2º Lugar - JUCI, com.....922 pontos.
- 3º Lugar - JUPAC, com....790 pontos.

O grupo de Caldas da Imperatriz, JUCI, foi escolhido pelos jurados como o grupo que mais se identificou com o público, recebendo como prêmio um jogo de camisas completo.

"AMAR A IGREJA É AMAR A JESUS, É AMAR O POVO POBRE QUE ESTÁ NESTA IGREJA E QUE CRÊ NELE, QUE ESPERA NELE".

Gustavo Gutiérrez

AGENDA DE REUNIÕES-MÊS DE OUTUBRO

Data:	Local:
Dia 03 -	casa/Sr. Néilson.
Dia 10 -	casa/Dna. Cecília.
Dia 17 -	casa/Danilo.
Dia 24 -	casa/Augusto.

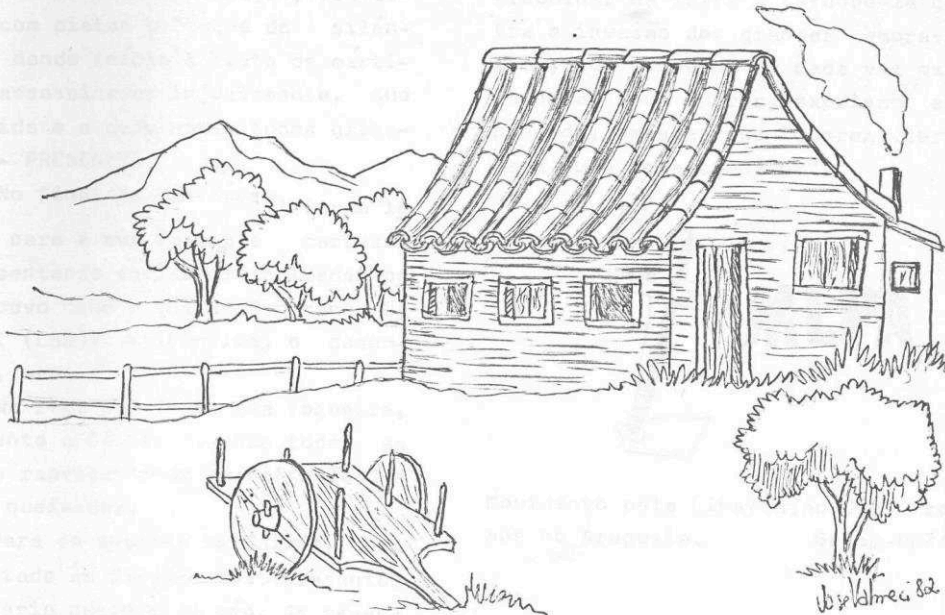
HISTÓRIA DA COMUNIDADE

Aproximadamente há 50 anos atrás, a comunidade era formada por mais ou menos 10 famílias, que viviam em casas geralmente construídas com ripas e barro, chamadas ou conhecidas por estuque. Diversas famílias com sobrenomes diferentes vieram morar em nossa comunidade: Souza, Machado, Cunha, Campos, e também descendentes de alemães: Horstmann, Folster, Schwinden, etc. As famílias moravam afastadas uma das outras. As estradas eram simples caminhos de carro de bois, quase sempre interrompidos por porteiras o que dificultava o trânsito de carro-

gas. A travessia dos rios era feita através de canoas. Todos viviam da agricultura e trabalhavam manualmente. Não existiam adubos químicos e as terras aos poucos iam enfraquecendo; para que a fertilidade da terra aumentasse, costumavam plantar espinheiros e deixar uns cinco anos no mínimo.

As principais plantações eram a cana-de-açúcar, mandioca, milho, feijão e arroz.

Geralmente plantavam mais cana e mandioca, para a fabricação de açúcar, cachaça e farinha que eram feitos nos engenhos. O comércio não era muito bom, pois os preços quase



sempre não atingiam o pedido pelos produtos, sendo um dos motivos, a grande quantidade de produto e um número pequeno de consumidores.

Os produtos eram levados para Lages sobre o lombo de bois, através de tropas que levavam trinta dias para ir e trinta dias para voltar. (CONTINUA NA PRÓXIMA EDIÇÃO).

VIA-SACRA EM FLORIANÓPOLIS.

Foi realizada na Catedral Metropolitana, pela passagem do DIA NACIONAL DE PROTESTO CONTRA A CONDENAÇÃO DOS POSSEIROS E PADRES DE CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA - PARÁ (31/08), uma Via-Sacra, com a presença do Arcebispo, D. Afonso.

A Via-Sacra começou por volta das 19 h 15 min. sendo assistida por mais de 500 pessoas. D. Afonso fez a abertura e o início de cada uma das estações que foram seis no total, todas comparando a caminhada de Cristo com o sofrimento vivido hoje, pelo povo.

No final da 3ª estação, foi tocado com pistão o "toque de silêncio", dando início a lista de mártires, assassinados injustamente, que foi lida e a cada nome, todos gritavam: - PRESENTE.

No final da Via-Sacra, foram ligados para a rua faixas e cartazes representando várias dificuldades para o povo como a Lei de Segurança Nacional (LSN), latifúndios, o desemprego, etc.

Na rua, foi feita uma fogueira, em frente à Catedral, onde todas as faixas representando as dificuldades foram queimadas.

Para se queimar as faixas, era perguntado às pessoas ali presentes se deveria queimar ou não. As pessoas gritavam: Queima, e depois aplaudiam.

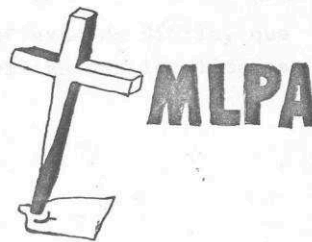
Foi colocada à venda, na ocasião, camisetas e cartões postais com fotos dos padres e posseiros.

NO PARÁ, PADRES E POSSEIROS FORAM CONDENADOS.

Dia 22 de junho foram condenados, em Belém do Pará, os padres Aristides Camio e Francisco Gouriou, e mais treze posseiros de São Geraldo do Araguaia. Quinze anos para o padre Aristides, dez anos para o padre Francisco, nove anos e oito anos para os posseiros.

A polícia federal acusou os dois missionários de serem responsáveis por um conflito entre os posseiros da fazenda Agapito Lemos e os jagunços da mesma, que resultou, em 2 jagunços e 1 posseiro mortos.

Na verdade, estavam querendo trabalhar na terra e defendê-la contra a invasão dos grandes empresários, que pensando em cada vez mais aumentar seus lucros, expulsam sem piedade, pessoas que "querem terra para quem nela trabalha".



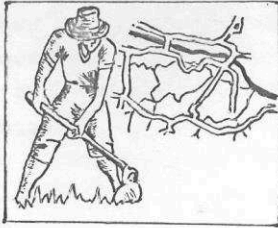
Movimento pela Libertação dos Presos no Araguaia. Belém-PARÁ.

"A NOSSA LUTA TEM QUE SER COMO UM FOGO PERMANENTE; FORTE, CHEIO DE ESPERANÇA, ALEGRIA E COM A PARTICIPAÇÃO DE TODOS POIS SÓ ASSIM CHEGAREMOS À VITÓRIA".

BOLETIM COMUNIDADE SÃO JOÃO

ANO I - Nº 02

OUTUBRO/82



COMUNIDADE SÃO JOÃO é o nome dado ao grupo de reflexão da Bíblia, que se reúne aos domingos, tendo como participantes famílias das localidades de Sul de Rio, Braço São João e Morro dos Quadros.

DRAGAGEM DO RIO CUBATÃO: UMA LUTA DOS AGRICULTORES.....	Pg. 02
CONTINUAÇÃO DA HISTÓRIA DA COMUNIDADE,,.....	Pg. 03
EM SANTO AMARO, ELEIÇÕES DA PJ.....	Pg. 04
ENCONTRO DOS MOVIMENTOS POPULARES EM PALHOÇA.....	Pg. 04
AGENDA DE REUNIÕES.....	Pg. 04

EDITORIAL

Mais um mês se passou, e estamos lançando o 2º número do nosso "jorzinho". No primeiro número, procuramos levar até às pessoas, assuntos que achamos ser interessantes. Esperamos que o nosso objetivo foi alcançado, que é o de aumentar nossa ação e nossa organização e colocar aquilo que a comunidade gostaria de ler.

Continuaremos, hoje, com a história da comunidade, que foi escrita graças à colaborações de pessoas ao qual entrevistamos e que somos iminentemente agradecidos. Agradecemos também ao pessoal de Vila Santana (Sertão), que nos ajudam enviando colaborações e a todos os leitores, que são o motivo da existência desse Boim.



É SABIA?

Depois do arroz, trigo e milho, a batata, ou a nossa conhecida batatinha, é o produto de maior consumo no mundo. Originária do Chile ou Perú, levada no século XVI pelos espanhóis para a Europa, tem na União Soviética e na Polónia seus maiores produtores.

DRAGAGEM DO RIO CUBATÃO: UMA LUTA DOS AGRICULTORES.

Sempre ameaçados pela possibilidade de cheias do Rio Cubatão, onde os estragos são incalculáveis, formou-se na comunidade uma comissão de agricultores que está pressionando a Secretaria do Governo para fazer um serviço importante em nossa comunidade: a dragagem do rio.

Esta comissão já deu mais de 10 viagens a Florianópolis. Segundo o Governo tudo depende das Prefeituras de Santo Amaro e Palhoça. Eles é que tem que assinar o Decreto de Desapropriação da área a ser dragada.

O dinheiro para este serviço já foi liberado para a Prefeitura de Palhoça. A comissão viu quando este dinheiro foi liberado.

Por que até agora nada foi feito? O DNOS (Departamento Nacional de Obras e Saneamento) diz que faz o serviço desde que a prefeitura de Palhoça autorize. O Governo do Estado diz que vai pressionar a prefeitura de Palhoça para fazer a lei de desapropriação. Dizem que é um serviço fácil. Basta assinar o Decreto, ver quanto custa a desapropriação, mandar o dinheiro para a Justiça onde os proprietários devem receber. Se os proprietários acertarem um acordo, fica ainda mais fácil. Mas sabemos que eles não querem acordo. Então o Prefeito pode mandar o dinheiro para a Justiça e aí eles vão se entender. Mas depois disso o DNOS já pode vir fazer o serviço. Porque o Decreto já está assinado.

Até agora nada. Não podemos desanimar. Vamos continuar lutando. Nossa união e nossa teimosia vai conseguir esta dragagem.

HISTÓRIA DA COMUNIDADE
(continuação)

A religião da época era rígida ao ponto de ser proibido, pelo padre, e comungar se tomasse antes um copo de água. Nas missas, praticamente não havia a participação das pessoas, pois o padre rezava em latim, de costas virada para o povo. Para assistir uma missa, existiam muitas dificuldades, pois a igreja mais próxima ficava na "freguesia" (Santo Amaro), e o único meio de locomoção era a pé.



As reuniões não existiam e cada um cuidava de suas vidas. Somente se reuniam nas festividades (tradições da época) como: boi-de-mamão; pau de fita; torno de reis; cantoria do Divino, onde um grupo de cantores e tocadores iam de casa em casa acompanhando a bandeira do Espírito Santo.

A principal doença da época era a malária, que atingia toda a família ao ponto de se isolarem em suas casas. Os remédios eram caseiros, feitos com ervas medicinais, a não ser os comprimidos chamados ou conhecidos por "Metoquina", vendidos pelas freiras, em Santo Amaro, contra malária.

Havia há cerca de 60 anos atrás

uma pequena vila localizada as margens do Rio do Braço, que foi atingida por uma violenta doença (Febre Espanhola).

A Febre Espanhola, incurável na época, chegou a matar até três pessoas num dia. Os poucos que sobreviveram viram-se obrigados a deixar o local, que ficou totalmente abandonado.

Outra dificuldade: II Guerra, na Alemanha, que atingiu o comércio com a racionalização dos produtos.

O querosene, usado na época para a iluminação, foi permitida a venda de somente um litro para o período de um mês, para cada consumidor. Assim sendo, viam-se obrigados a quebrar "Bagas de Anogueira" seca para tirar o caroço, nos quais introduziam um fio de arame sendo utilizado na iluminação, substituindo o querosene em falta.

Conta-se que alguns moradores da Barra do Arirú, devido aos treinamentos de guerra, próximo à Base Aérea, viam-se obrigados a se refugiarem em outros locais, sendo que muitos vieram para nossa localidade.

As pessoas praticamente viviam isoladas. Precisavam de passaporte, conseguido na Delegacia de Polícia, para passarem pelo posto militar situado no Aririú. Por isso originou-se o nome de Posto, e não pelo posto de gasolina ali existente.

Uma das dificuldades da época em 1930, foi a Revolução, chefiada por Getúlio Vargas, que depôs o presidente Washington Luiz, onde teve a participação de elementos da comunidade.

(CONTINUA).

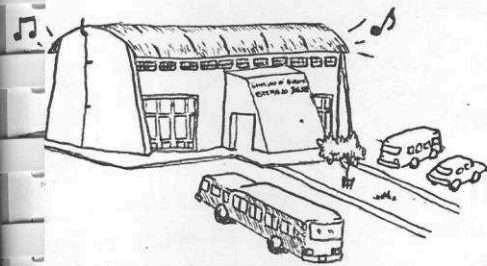
EM SANTO AMARO, ELEIÇÕES DA PJ.

SANTO AMARO DA IMPERATRIZ-Dia 17 de outubro, tendo por local o ginásio de esportes Estefano Becker, diversos jovens se encontraram para escolher o coordenador da PJ (Pastoral Juventude) da Arquidiocese de Florianópolis.

Apenas três comarcas estavam presentes: Do Estreito, da Ilha e de Santo Amaro.

O conjunto EXPLOSAÇÃO MUSICAL, do nosso amigo Pedrinho, esteve presentando animando o encontro.

Não houve a esperada eleição, mas de cada comarca presente saiu 10 delegados que participarão do Planejamento Arquidiocesano da PJ, dias 27 e 29 de novembro, em Itajaí.



ENCONTRO DOS MOVIMENTOS POPULARES EM PALHOÇA.

PALHOÇA-Dia 3 de outubro, na Escola Rural São José, realizou-se o ENCONTRO DOS MOVIMENTOS POPULARES DO ESTADO, tendo a participação de mais de 80 pessoas, representando diversas localidades: Lages, Joinville, Itajaí, Chapecó, Criciúma, e Florianópolis.

O objetivo foi ver como está indo as diversas lutas de cada comunidade presente no encontro.

Para o trabalho em grupo, foi feita

uma divisão por diferentes tipos de lutas: Saúde, terra, sindicalismo, educação, transportes, saneamento, custo de vida, organização comunitária. Nestes pequenos grupos foi visto: como estamos, quais as dificuldades, e quais as vitórias alcançadas.



A proposta final, foi a criação de um centro de documentação, que receberá informações do andamento das lutas no estado. Estas lutas serão divulgadas através de um boletim, emitido a cada 2 meses.

O próximo encontro estadual será em Criciúma, dia 5 de junho de 83.

VOCE SABIA?

Que o primeiro nome dado a comunidade de Vila Santa Ana era Sertão do Espíndola, devido ao primeiro morador, cujo nome era Caitano Espíndola, que morava nos fundos da Colona, que era praça do Sertão e que o atual nome de Vila Santa Ana é em homenagem a padroeira "Santa Ana".

Que as principais festas religiosas de Vila Santa Ana, são: Festa de Santa Ana, em julho, e do Sagrado Coração de Jesus, em outubro.

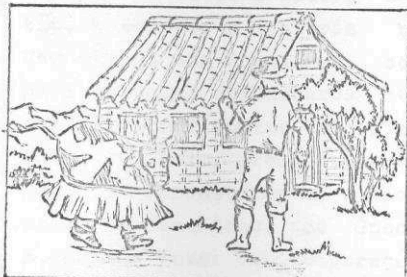
AGENDA DE REUNIÕES - MÊS DE NOVEMBRO

Dia 06 ou 07.....Missa-casa/Melo.
Dia 14 casa/Sr. João.
Dia 21casa/Sr. Aloísio.
Dia 28casa/Ata.

Boletim COMUNIDADE SÃO JOÃO

ANO I - Nº 3

NOVEMBRO/82



COMUNIDADE SÃO JOÃO É o nome dado ao grupo de reflexão da Bíblia, que se reúne aos domingos, tendo como participantes famílias das localidades de Sul do Rio, Braço São João e Morro dos Quadros.

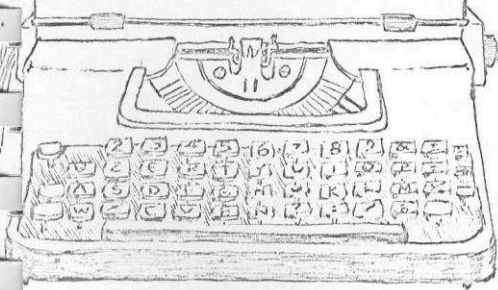
Desenho da Feira realizada em conjunto com a participação de agricultores do Sul do Rio e consumidores do Morro da Caixa D'Água.

DRAGAGEM DO RIO: A LUTA CONTINUA.....	Pg. 02
HISTÓRIA DA COMUNIDADE (continuação).....	Pg. 03
ENCONTRO SOBRE AS FEIRAS COMUNITÁRIAS.....	Pg. 04
COMUNIDADE PARTICIPA DE ENCONTRO DE CEBS.	Pg. 05
O POVO SE ORGANIZA EM VILA SANTANA.....	Pg. 05
NATAL: ESPERANÇA DE VIDA NOVA	Pg. 05

EDITORIAL

Neste mês terminamos de contar a História da Comunidade, então, iniciamos a História da Comunidade São João. Por ser mais recente, acreditamos que será possível contar esta história com maior precisão. A medida que reconstituímos a História da Comunidade São João, poderemos fazer uma comparação com o tempo que o pessoal não se reunia.

No mês de novembro, algumas pessoas da comunidade estiveram viajando; o Jaime e o Luiz Egidio foram para Joinville num Encontro de Agricultores para debaterem sobre as feiras comunitárias. A Flávia, o Orlando e Adalmir estiveram no Encontro Arquidiocesano de Comunidades Eclesiais de Base. Neste Boletim eles contam como foram os Encontros, talvez a experiência deles contribua com idéias novas para a nossa comunidade.



DRAGAGEM DO RIO: A LUTA CONTINUA.

Uns meses atrás, os agricultores Sul do Rio vem se reunindo e se organizando pra conseguir a dragagem Rio Cubatão.

No mês de agosto saiu uma Kombi da comunidade para ir ao secretário de transportes e obras, Mário Lovares. Foram sete pessoas: Joao Loch, Nelson, Miro, Leo Besen, Kiliano, Danilo, João Machado.

Muitas são as promessas de Lovares, mas nada ainda foi cumprido.

Dessa vez, Lovares prometeu que "se Amin ganhasse as eleições, tudo ficaria mais fácil". Só que cada vez está mais difícil. Lovares prometeu que poderia tentar fazer uma indenização diretamente sem consultar o prefeito de Palhoça (Chico). Segundo Mário, tudo depende do Chico. "Esse tal de Chico é tão baixo que não consegue ver os problemas que os agricultores enfrentam com as enchentes". (Declaração de uma pessoa).

Promessas e mais promessas, é o que eles sabem fazer, mas cumprir é o que eles não assumem.

Se você quiser entrar na luta para a dragagem é só participar das reuniões e lembrem-se: "Tudo o que fizeres, farás em meu nome".



AGENDA DE REUNIÕES - MÊS DE DEZEMBRO

Local:	Data:
Dia 05-.....	não houve.
Dia 12-.....	casa/Antônio.
Dia 19-.....	casa/Dona Orestina.
Dia 24 ou 25-.....	Missa de Natal.

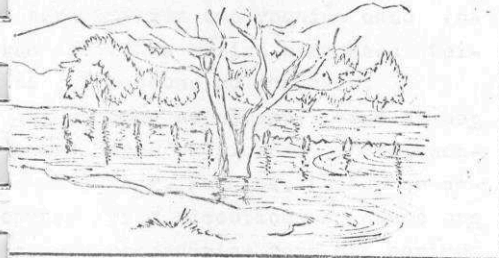
HISTÓRIA DA COMUNIDADE

Continuação.

As enchentes, outra dificuldade para os moradores locais, eram um problema constante da região, chegando até a dar cinco num ano.

Uma das maiores enchentes que deu na região foi no ano de 1960. Essa enchente causou muitos danos, chegou até a carregar uma casa de tijolos (não rebocada) inteira com tudo o que a família tinha dentro.

As comunicações: Haviam jornais, só que não divulgados na comunidade.



HISTÓRIA DA COMUNIDADE SÃO JOÃO

Nossas reuniões começaram da seguinte forma:

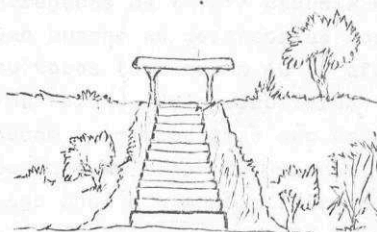
Um dia, conversando com o Chico, resolvemos começar a rezar um terço em nossas casas. Hoje rezávamos aqui, amanhã lá e logo foi chegando a campanha da Fraternidade de 1979 onde o tema era: Preserve o que é de Todos. Então foi movimentando o grupo; já não era mais apenas as nossas famílias e junto com a gente havia outras famílias, alguns vizinhos ou de longe.

E assim foi formando um grupo, e neste grupo havia a união, e continuamos unidos pois achamos essa união tão linda. Linda porque foi através

O serviço de Correio era feito através de carroças apropriadas, que levavam a correspondência de Palhoça a Santo Amaro. De Santo Amaro a Bom Retiro seria outra carroça, não havendo a entrega direta.

O primeiro rádio surgiu por volta de 1960, despertando a curiosidade de muitos moradores.

Com o passar dos anos, a comunidade foi crescendo, e a população aumentando. Um dos motivos desse aumento foi o encanamento da rede de água dos Pilões, onde surgiu estradas novas e pontes mais seguras.



dela que resolvemos ler juntos a Bíblia e refletir a cada leitura. Foi através dela que também descobrimos que toda a Bíblia pode ser comparada com a nossa vida atual, com a sociedade dos dias de hoje: alguns ricos explorando a maioria do povo pobre.

E com estas reflexões, começamos a entender muitos problemas da comunidade e procuramos assim, resolvê-los.

Na Campanha da Fraternidade (Preserve o que é de Todos), foi com nossa união que conseguimos construir a escadaria e a marquise, onde muitas ou todas as pessoas que teriam de tomar o ônibus, enfrentavam um morro e muitas vezes caíam, machucando-se, pois quando chovia, tornava-se escorregadio.

CONTINUA

ENCONTRO SOBRE FEIRAS COMUNITÁRIAS

No dia 31 de outubro foi realizada em Joinville um encontro sobre feiras comunitárias. Participaram umas 150 pessoas- agricultores, consumidores, três pessoas do Morro da Caixa D'Água e duas pessoas da nossa comunidade.

O encontro começou pela manhã com o início de uma missa rezada pelo padre da comunidade: Padre Fachine. A missa não foi só pras pessoas do encontro, mas também pra toda comunidade. Após a missa, as pessoas do encontro tiveram uma reunião onde foram debatidas várias perguntas feitas por pessoas do encontro.

Logo após ao almoço, todas as perguntas foram explicadas detalhadamente pelo P. Fachine. Também no encontro foram discutidos os novos preços das mercadorias para o período de mais três meses. O encontro terminou por volta das 17 horas, com uma corrente de oração.

FEIRA COMUNITÁRIA DE JOINVILLE

Joinville, a cidade das Flores, também se viu a necessidade de montar uma feira comunitária. A idéia de construir a feira foi dada por pessoas da comunidade, que em reuniões de famílias foram debatendo e discutindo um programa pra planejar essa feira. Depois de ter conversado e trocado idéias entre si, chegaram a uma conclusão- "Vamos fazer uma feira onde o intermediário ficasse fora da jogada, onde a palavra "lucro" sumiria do mapa". Fazendo assim os consumidores podem comprar mais barato e os produtores podem ven-

ários pagam. Aí é que a gente vê quanto os atravessadores ganham nas costas das pessoas que com tanto sacrifício conseguem produzir suas mercadorias.

E a feira foi montada...

A feira foi montada na própria comunidade (Bairro Floresta) onde é servida todas as pessoas pobres do local e também as que moram mais afastadas.

A feira funciona da seguinte forma: Todas as sextas feiras pela manhã sai uma Kombi (a Kombi é da comunidade) onde duas ou três pessoas encarregadas da tarefa daquela semana vão buscar as mercadorias dos agricultores (que moram 40 Km afastados da feira). Os agricultores que fornecem as mercadorias são em número de mais ou menos 20 pessoas.

Logo após o almoço a feira é aberta e com a ajuda de umas 20 pessoas todo o pessoal é atendido e saem muito satisfeitos, pois o melhor produto que existe na feira é o preço baixo, o que agrada a todos. Hoje já existe duas feiras: uma quarta e uma na sexta feira.



ENCONTRO SOBRE FEIRAS COMUNITÁRIAS

No dia 31 de outubro foi realizada em Joinville um encontro sobre feiras comunitárias. Participaram umas 150 pessoas- agricultores, consumidores, três pessoas do Morro da Caixa D'Água e duas pessoas da nossa comunidade.

O encontro começou pela manhã com o início de uma missa rezada pelo padre da comunidade: Padre Fachine. A missa não foi só pras pessoas do encontro, mas também pra toda comunidade. Após a missa, as pessoas do encontro tiveram uma reunião onde foram debatidas várias perguntas feitas por pessoas do encontro.

Logo após ao almoço, todas as perguntas foram explicadas detalhadamente pelo P. Fachine. Também no encontro foram discutidos os novos preços das mercadorias para o período de mais três meses. O encontro terminou por volta das 17 horas, com uma corrente de oração.

FEIRA COMUNITÁRIA DE JOINVILLE

Joinville, a cidade das Flores, também se viu a necessidade de montar uma feira comunitária. A ideia de construir a feira foi dada por pessoas da comunidade, que em reuniões de famílias foram debatendo e discutindo um programa pra planejar essa feira. Depois de ter conversado e trocado ideias entre si, chegaram a uma conclusão- "Vamos fazer uma feira onde o intermediário ficasse fora da jogada, onde a palavra "lucro" sumiria do mapa". Fazendo assim os consumidores podem comprar mais barato e os produtores podem vender acima do preço que os intermedi-

ários pagam. Aí é que a gente vê quanto os atravessadores ganham nas costas das pessoas que com tanto sacrifício conseguem produzir suas mercadorias.

E a feira foi montada...

A feira foi montada na própria comunidade (Bairro Floresta) onde é servida todas as pessoas pobres do local e também as que moram mais afastadas.

A feira funciona da seguinte forma: Todas as sextas feiras pela manhã sai uma Kombi (a Kombi é da comunidade) onde duas ou três pessoas encarregadas da tarefa daquela semana vão buscar as mercadorias dos agricultores (que moram 40 Km afastados da feira). Os agricultores que fornecem as mercadorias são em número de mais ou menos 20 pessoas.

Logo após o almoço a feira é aberta e com a ajuda de umas 20 pessoas todo o pessoal é atendido e saem muito satisfeitos, pois o melhor produto que existe na feira é o preço baixo, o que agrada a todos. Hoje já existe duas feiras: uma quarta e uma na sexta feira.



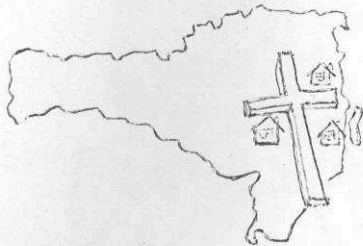
COMUNIDADE PARTICIPA DE ENCONTRO DE CEBs.

SÃO JOÃO BATISTA-Reunidas no salão Paroquial da Igreja Matriz local, mais de 200 pessoas participaram do ENCONTRO ARQUIDIOCESANO DE COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE (CEBs), dia 6 de novembro.

Nossa comunidade também esteve presente, sendo representada por cinco elementos.

O assunto foi ver o motivo e o que fortalece a nossa união, que nos mantém conscientes e com uma visão nova da realidade que nos cerca no dia-a-dia.

Para finalizar o encontro, foi celebrada uma missa pelo padre Wilson, de Florianópolis, e mais dois padres de São Paulo.



O POVO SE ORGANIZA EM VILA SANTANA

Segundo informações que recebemos de Vila Santana, os moradores locais estão participando de muitas formas de reuniões e com isso começando uma organização comunitária unidos todos pela fé em Cristo.

De acordo com nossas pesquisas, são os seguintes encontros lá realizados:

Grupo de Liturgia, tendo a participação de trinta elementos entre adolescentes, jovens e casais.

Vinte e tres Grupos de Família.

Onze catequistas, sendo desde cri

ança de jardim até idosos de 60 anos ou mais.

Os idosos se reúnem todas as quintas feiras, as 16 horas.

Os jovens se reúnem de quinze em quinze dias, sendo em numero de 40.

Os adolescentes se reúnem todos os sábados com numero de 20 elementos.

As reuniões do Apostolado do Sagrado Coração de Jesus, são realizadas todas as primeiras sextas feiras do mes, e dela participam 40 pessoas.

Nos domingos na capela, realiza-se o Culto Dominical as 8 horas.

Todos os meses, ao quarto domingo é celebrada uma missa, sempre as 16 horas.



NATAL: ESPERANÇA DE UMA VIDA NOVA.

A quase 2000 anos, ele nasceu. Não era nenhum rico pois nasceu bem pobre numa estrebaria de animais entre gente simples e humilde. Durante toda a sua vida os pequenos e oprimidos defendeu e por isso entregou sua vida, quando na mão dos poderosos, morreu.

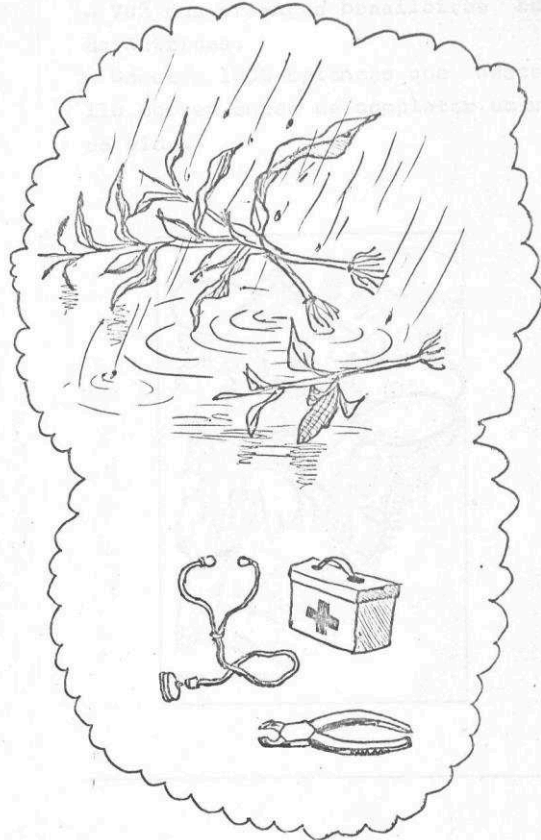
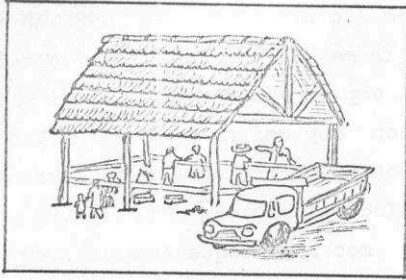
Que neste Natal, deixemos a simplicidade, coragem e fé de Jesus entrar em nossos corações para nos fortalecer na nossa caminhada. Caminhada pela transformação deste mundo em outro com mais justiça e fraternidade.

FELIZ NATAL PARA TODOS.

Boletim COMUNIDADE SÃO JOÃO.

ANO II - Nº 4.

DEZEMBRO/82 JANEIRO/83.



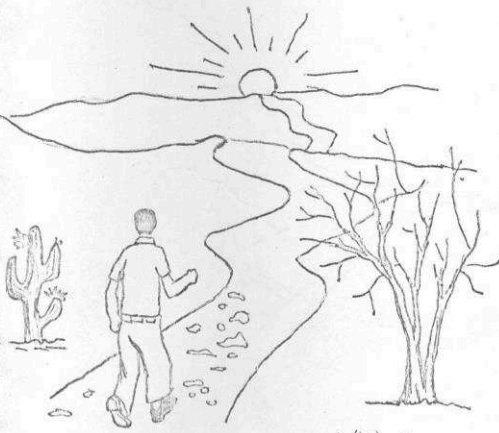
COMUNIDADE SÃO JOÃO é o nome dado ao grupo de reflexão da Bíblia, que se reúne aos domingos, tendo como participantes famílias das localidades de Sul do Rio, Braço São João e Morro dos Quadros.

PASSA ANO E VEM ANO
E A ENCHENTE TAMBÉM VEM
DESTRUINDO A LAVOURA
E TUDO QUE O AGRICULTOR TEM

O POBRE AGRICULTOR
DESANIMADO COM OS FATOS
SÓ RECEBE AJUDA MÉDICA
DESSE NOSSO SINDICATO
(Equipe do Boletim)

EDITORIAL.....	Pg. 02
JOVENS FAZEM A FESTA DA ALEGRIA.....	Pg. 02
HISTÓRIA DA COMUNIDADE SÃO JOÃO.....	Pg. 03
JULGAMENTO DOS PADRES E POSSEIROS.....	Pg. 04
BOLETIM EXTRA- Medicina Caseira.....	Pg. 04
AGRICULTORES: CONHEÇAM MELHOR O SEU SINDICATO.....	Pg. 05
CHEIAS DO RIO CUBATÃO: SINDICATO NÃO SE PREOCUPA.....	Pg. 05

- Bem gente! agora a nossa equipe vai lançar o último Boletim deste ano de 1982. Esperamos que o nosso esforço tenha contribuído em alguma parte de sua vida. Esse ano que está para findar, será um ano que nos da Comunidade São João jamais esqueceremos, pois, foi o ano que o Boletim surgiu. A gente espera que com esse trabalho que estamos fazendo possa ajudar os seus conhecimentos sobre a comunidade. Esse é um dos meios de você participar das nossas lutas, vitórias, etc. O outro é você participar das reuniões. Agradecemos às pessoas que contribuíram com o Boletim neste ano e também às pessoas que o leram. São os votos de um feliz ano novo da equipe do Boletim.



Jose Valencio '83

Que esta estrada que nós caminhamos, apesar de ser as vezes tortuosa nunca tenha fim. Lute! e conquiste a sua vida na amizade com seu pró

Você sabia?:

- No Brasil há 40 milhões de desnutridos (não comem direito).
- 70% das crianças brasileiras são desnutridas.
- De cada 1000 crianças que nascem 110 morrem antes de completar um ano de vida.



desenho: KATHE KOLLWITZ

JOVENS FAZEM A FESTA DA ALEGRIA

Dia 4 de dezembro de 1982 foi realizada em Florianópolis (Saco dos Limões) a 10ª Festa da Alegria.

O encontro começou com a apresentação dos Grupos de Jovens por Comarca. Depois uma missa celebrada por D. Afonso e padre Edgar.

Após a missa, o padre Edgar falou sobre a festa da alegria desde 1972 até 1982 - 10 anos de existência.

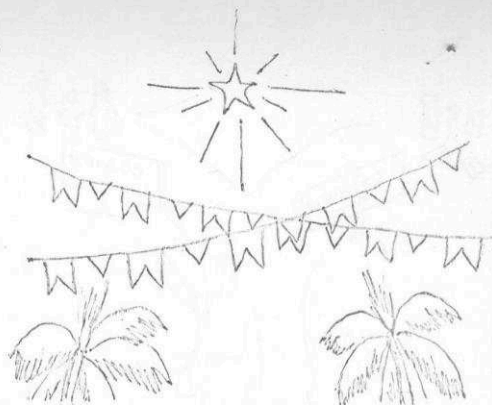
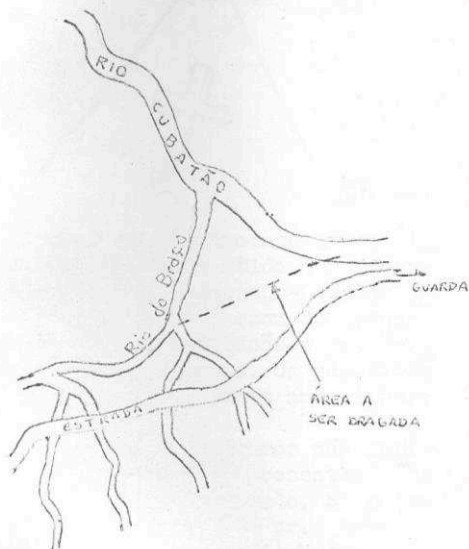
Foram feitas apresentações: cantores, peça teatral, etc.

A Comarca de Santo Amaro que marcou sua presença com 106 pessoas (um terço do total de pessoas presentes) apresentou um relato sobre o andamento da Pastoral da Juventude e

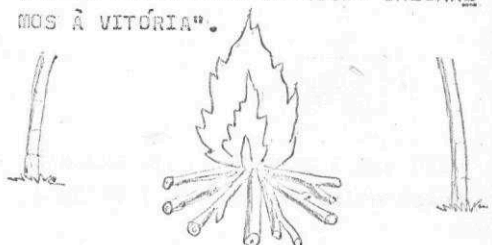
No Natal de 1979 resolvemos fazer a apresentação de um presépio vi-
do para mostrar à pequena comunidade
que também acontecia o Natal hoje em
nossa época. Não foi um presépio no
estilo tradicional, mas sim uma enca-
pagem atual baseada na Campanha da
Fraternidade "Para Onde Vais?", onde
mostrava o drama de um casal atingi-
do pelo Êxodo Rural.

Levantamos o problema da Drega-
gem do Rio, para os agricultores não
sofrerem mais com as enchentes.

Não paramos por aqui, pois for-
mamos uma Equipe de Saúde para resol-
vermos os problemas com a saúde dos
que moram na comunidade.



"A NOSSA LUTA TEM QUE SER COMO UM
FOGO PERMANENTE; FORTE, CHEIO DE ES-
PERANÇA, ALEGRIA E COM A PARTICIPA-
ÇÃO DE TODOS POIS SÓ ASSIM CHEGARE-
MOS À VITÓRIA".



Já participamos de encontros em
outras comunidades; encontros de a-
gricultores, operários, jovens, etc.

Na semana Santa celebramos uma
VIA-SACRA que já se tornou uma tradi-
ção pela vontade popular.

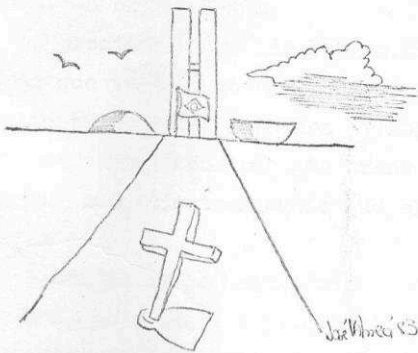
Mensalmente celebramos missas
em nossas casas. Até já recebemos
D. Afonso aqui.

No mês de junho de 1980, reali-
zamos uma apresentação da vida de
São João Batista, tirada de uma pas-
sagem da Bíblia e depois comemoramos
com uma festinha junina.

Estamos caminhando com fé, espe-
rança, união, pois este povo simples
caminhará e realizará muito ainda, lu-
tando por seus direitos e por melho-
res dias.

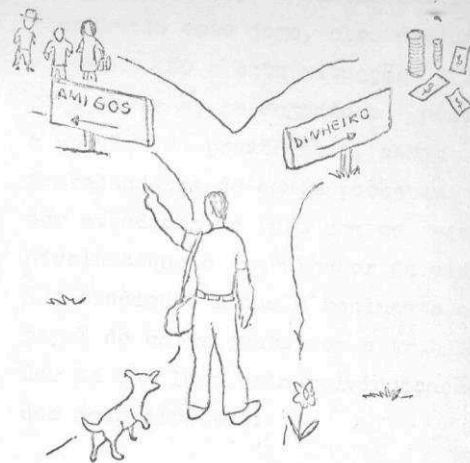
Nos dias 2 e 3 de dezembro, os padres Aristides Camio e Francisco Mourão e mais treze posseiros de Aaguaiá, foram julgados em Brasília. Os padres eram acusados de incitarem os posseiros à violência. Porém, o Sr. Raimundo Lock esteve lá e acha que eles são inocentes.

O Sr. Raimundo contou que o julgamento poderia ter acontecido em meia hora, porque parecia que já estava tudo combinado. Não aconteceu o debate entre os advogados de acusação e de defesa. As acusações não foram expostas por um advogado, elas já estavam gravadas e assim foram apresentadas a todos. Quando os dois advogados de defesa desmentiram as acusações e expuseram os motivos, o Sr. Raimundo disse que ficou convencido de que os padres deveriam ser soltos. O padre Francisco, por exemplo, apenas distribuía os folhetos de cânticos e os entoava; ele não fazia sermão.



Apesar da convincente argumentação da defesa, foi mantida a condenação dos padres, reduzindo-lhes as penas. Pe. Aristides passou de quinze para dez anos de reclusão e pe. Francisco de dez para oito. Os posseiros continuaram com as penas anteriores: oito anos.

Os padres e posseiros não foram permitidos de estarem presentes ao julgamento. O Sr. Raimundo, o padre Evaldo, de Palhoça e o sr. Armando, professor da Universidade Federal de GO, estiveram na cadeia para visitar os padres. O padre Aristides está contente porque foram cedidos à venda 2500 hectares de terra para os posseiros plantarem. Ocorrerá outro julgamento daqui a 2 meses.



TRABALHE PELAS PESSOAS E NÃO PELO DINHEIRO (As pessoas valem mais)

BOLETIM EXTRA: Medicina caseira

Todos nós sabemos que para sobrevivermos é necessário que tenhamos saúde; essa saúde só é adquirida se tivermos um cuidado mais profundo conosco mesmo. (exemplo: não comer demais, mas comer aquilo que o nosso organismo precisa).

Muitas vezes por causa de uma pequena gripe a gente corre para o hospital ou farmácia pra tomar medicamentos químicos, gastando as vezes uma fortuna; e deixamos de tomar um chá caseiro que faz muito mais efeito não prejudicando a saúde e custando mais barato.

O nosso Boletim vai procurar mostrar aos nossos leitores algumas doenças que podem ser curadas com chá caseiro. Aguardo nosso BOLETIM COMUNIDADE SÃO JOÃO EXTRA. Ele poderá sair a qualquer momento!

DICATO.

Quando a gente fala em sindicato logo vem na nossa cabeça aquilo que o sindicato fornece: atendimento médico e odontológico e, concluímos que o sindicato hoje é apenas assistencialista, desligado dos problemas que o trabalhador vive, e a grande maioria preocupado em evitar que trabalhadores e patrões se desentendam.

Mas, será que isto sempre foi assim? Não.

Os sindicatos eram aqueles lugares onde os trabalhadores se reuniam para discutirem seus problemas, trocar idéias e se organizaram, preparando-se para se defenderem dos interesses dos exploradores.

O presidente Getúlio Vargas, foi aquele que vendo como era poderoso este instrumento de luta dos trabalhadores, organizou leis que transformaram o sindicato naquilo que ele hoje:

- Obidiente ao Ministério do Trabalho, pois assim o presidente do sindicato pode ser retirado quando o governo quiser (como aconteceu com o Lula, presidente do sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo em SP);

- Um mini Posto de Saúde, o que obrigou o governo de construir postos de saúde pelo interior, pois o sindicato já presta esta assistência, e é um trabalho a menos para o INPS.

Apesar de todo este controle sobre sindicatos, algumas lutas já foram vitoriosas e o caso dos Sindicatos

dos Trabalhadores Rurais de Quilombo e Caçador, em Santa Catarina. Percebendo este jogo, eles decidiram dizer um NÃO a esta situação criada pelo governo; se negando a assumir o serviço de previdência, assim os trabalhadores do campo passaram a ser atendidos no INPS com os mesmos direitos que o trabalhador da cidade. E o sindicato assumiu realmente o seu papel de estar junto com o trabalhador na sua luta pela reivindicação dos seus direitos.

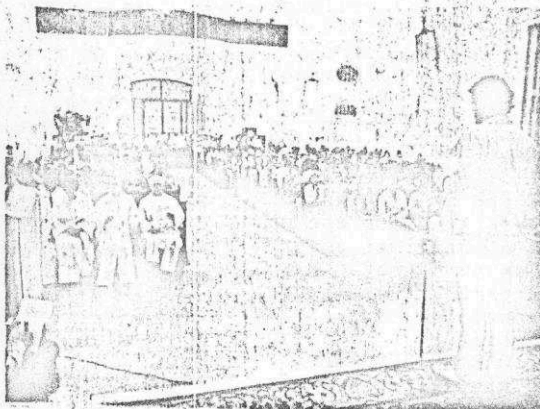


Dia 6 de janeiro, devido as fortes chuvas em toda a Grande Florianópolis, ocorreu uma pequena enchente na nossa comunidade, que trouxe inúmeros danos para a lavoura.

Como a maioria dos moradores do Sul do Rio são agricultores e são eles os mais atingidos pela enchente, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santo Amaro de Imperatriz teria que se preocupar com os prejuízos das lavouras.

Uma das maneiras do Sindicato ajudar os agricultores é participar mais ativamente na luta para se conseguir a drenagem do Rio Cubatão.

Uma via sacra pelos posseiros



O Arcebispo Dom Afonso Niehues celebrou ontem à noite na Catedral Metropolitana uma via sacra, representando a participação da diocese local no Dia Nacional de Protesto contra a condenação dos padres e posseiros do Araguaia, realizado em todo o País. O arcebispo e a Comissão de Apoio aos Sem-Terra de Santa Catarina divulgaram nota oficial pedindo a participação de todos ao ato e denunciando o problema da terra no Brasil.

Durante o dia, foi montado um mural no "calçadão" da Felipe Schmidt, denunciando a situação dos padres e posseiros e reivindicando melhores condições carcerárias para os sacerdotes franceses François Gouriou e Aristides Camio. Também a Comissão dos

Sem-Terra enviou telegramas ao Presidente do Superior Tribunal Militar, ao Ministro da Justiça e ao Auditor da 8.ª Região Militar, pedindo a absolvição ou a diminuição das penas dos padres e posseiros.

O arcebispo Dom Afonso Niehues lembrou que "os problemas da terra são graves", manifestando esperança no trabalho do recém-criado Ministério para Assuntos Fundiários. Mas observou que "o que nós queremos mesmo é a verdadeira reforma agrária". A arquidiocese de Tubarão distribuiu nota de solidariedade aos padres franceses, distribuída em todas as igrejas da região, ressaltando que "atrás da prisão dos padres e posseiros estão os interesses de grupos radicais" e que "a Igreja assumiu a causa dos fracos e por isso está sofrendo perseguições".

NOTÍCIAS

NOVO GOLPE NOS SUINOS

No mês de outubro, representantes de seis grandes frigoríficos do Estado se reuniram em Chapecó: a SAIC, Perdigão, Friconer, Safrita, Seara e Riusulense. Combinaram de pagar menos para o porco tipo misto e tipo banha. Em novembro o misto terá um desconto de Cr\$ 10,00 por quilo em relação ao tipo carne, e o banha terá um desconto de Cr\$ 35,00 por quilo. A partir de janeiro estão pensando de fazer assim: o misto 10% menos e o banha 20% menos.

Com isto, dizem, haverá mais qualidade nos suínos, e um produto de alto padrão para competir no mercado. Não quiseram dizer que com isto venderão mais ração que os frigoríficos mesmos produzem, e os pequenos produtores vão se ralar mais uma vez. No dia 19 de novembro farão outra reunião em Rio do Sul.

AGRICULTOR DE GUAPUJÁ DO SUL PÁRA ESTRADA

A Empresa construtora daquele trecho da BR 163, entrou na propriedade do Sr. Anacleto Lava, quando ele se encontrava visitando parentes no Mato Grosso. Na sua volta encontrou as máquinas trabalhando, e um boeiro quase pronto. Trancou a estrada e exigiu indenização. Eram 13.500 metros quadrados de terra que estava perdendo. Combinaram que pagariam Cr\$ 100.000,00 em dez dias. Passaram-se 30 dias e nada. Aí, seu Anacleto pediu Cr\$ 200.000,00. Os advogados do DNER não quiseram se responsabilizar. Seu Anacleto trancou de novo a estrada com troncos, pedras, etc. Foram levando no pãu, para 15 dias, 30 dias e foi... E a estrada trancada. O resto da estrada estava toda aberta, e só a dele estava trancada. Apareceram advogados de vários lugares se oferecendo para conseguir a indenização pra ele. O Anacleto bateu no peito e disse: "O único advogado da minha terra sou eu".

Os advogados do DNER cada vez enrolando mais. Um dia o Anacleto disse: "Vão embora que eu tenho muito que fazer. Agora só abro se vocês me dão Cr\$ 296.000,00 e fim de

paço".

Uns dias depois apareceram com tudo pronto, só ele devia fazer uma montecira de panéis. O Anacleto respondeu: "Quem precisa de mim são vocês e não eu".

Ajeitaram todos os panéis. O Anacleto foi indenizado. Recebeu Cr\$ 296.000,00 pelos 13.500 metros. É o único agricultor que recebeu indenização da estrada em Guarujá do Sul.

BOLETIM "COMUNIDADE SÃO JOÃO"

O grupo de reflexão chamado "Comunidade de São João", que se reúne aos domingos, tendo como participantes famílias de Sul do Rio, Braço São João e Morro dos Quadros, no município de Santo Amaro da Imperatriz, resolveu lançar um boletim próprio. A finalidade do Boletim "COMUNIDADE DE SÃO JOÃO" é para registrar a história da caminhada deste grupo e destas comunidades. Visa também, divulgar às outras comunidades que procuram crescer na vida comunitária e na luta por uma sociedade mais fraterna, as boas notícias deste povo que busca se organizar na base e viver na prática o seu cristianismo.

Nossos parabéns à comunidade de São João por esta feliz iniciativa, e nossos votos de que sejam sempre em frente.

Quem quiser colaborar com este boletim enviando folhetos, notícias, e fazendo pedido, escreva para José Valmoci de Souza - 88140 - Santo Amaro da Imperatriz - SC

LUTA DA ESTRADA DE QUILOMBO

Os 150 agricultores que entraram na justiça reclamando a indenização de suas terras atingidas pela estrada, conseguiram uma grande vitória. Eles acabam de fazer o acordo com o governo do Estado. Estão recebendo entre 230 a 350 mil cruzeiros ao alqueire. Dizem eles: "Mais do que pelo dinheiro, a luta valeu pela vitória".

Colonos pedem reforma agrária e dragagem de rio

A dragagem do Rio do Braço e Ribeirão a Reforma Agrária e a maior valorização do trabalhador rural foram algumas das reivindicações apresentadas pelos colonos da Grande Florianópolis, durante a concentração feita no último final de semana, em comemoração a passagem do Dia do Colono.

Uma caminhada com máquinas e tratores e no final uma missa campal, reuniu várias comunidades de agricultores. Na missa colonos declararam: "Não temos muito o que comemorar neste 25 de julho. Somos a classe que alimenta a sociedade mas que não pode participar do progresso do País". Sua maior reivindicação, a dragagem do Rio do Braço e Ribeirão, foi pedida, segundo eles, porque durante o ano estes rios provocam enchentes estragando toda a lavoura da região.

Com mais de cinco quilômetros, a caminhada reuniu muita gente. Colonos e filhos de colonos levavam fixas e bandeiras que diziam: "Colonos Unidos. Problemas Resolvidos" e "Queremos a dragagem do Rio do Braço e Ribeirão". As comunidades já vinham há algum tempo se reunindo para analisar a sua situação.

MISSA CAMPAL

A missa, de grande significado para os colonos, foi realizada às margens do Rio do Braço, onde eles pediram a Reforma Agrária e a dragagem. No início, um agricultor recebeu seus companheiros dizendo: "Nossa raiz está na terra, nossa força na união, na reforma agrária a solução. Queremos pedir a Deus que nunca desanimemos diante do sofrimento, da exploração, lutando para melhorar a vida de toda a nossa classe".

No ofertório os agricultores colocaram no altar diversas ofertas. Elas foram explicadas por eles como demonstrações do seu suor derramado na terra, o seu trabalho e o seu sofrimento.

Num pacote de terra colocaram uma oração que foi rezada por todas as famílias: "Abençoei Senhor, a terra em que trabalhamos. Daí terra aos possi-

bóias-frias, peões e índios, realizando uma verdadeira reforma agrária". Numa vasilha com água, um jovem pediu: "Abençoei nosso esforço para conseguir a dragagem do rio". Um velho colono trouxe ferramentas, uma enxada e disse: "Estas ferramentas são a nossa cruz. Com ela lutamos para alimentar a nossa família e para melhorar a vida de todo o nosso povo". Um menino trouxe algumas pedras, dizendo que elas eram "as cruces que machucam: falta de saúde, falta de escola, tristeza e morte. São os sofrimentos pela exploração e pelas injustiças".

CARTA AOS-PREFEITOS

Após a missa os agricultores realizaram uma reunião onde decidiram enviar uma carta aos prefeitos de Palhoça e Santo Amaro da Imperatriz. Nesta carta eles pedem a imediata dragagem dos rios.

Recentemente, os colonos destas duas comunidades fizeram um abaixo-assinado com 500 assinaturas. Junto ao abaixo-assinado fizeram um levantamento da área atingida pelas enchentes, o número de famílias e a produção agrícola que é prejudicada. Em seguida procuraram a Federação dos Trabalhadores de Santa Catarina (Fetaesc), além do Departamento Nacional de Obras e Saneamento (Dnos) e as Prefeituras de Santo Amaro da Imperatriz e Palhoça.

Na reunião um dos agricultores afirmou que o Dnos cumpriu sua parte fazendo levantamento da área e enviando os mapas para a Prefeitura de Palhoça. Mas o Prefeito parece que está querendo enrolar a comunidade", diz um colono. "várias comissões já procuraram o Prefeito e há três meses só recebem promessas". Uma dessas comissões foi formada por mães agricultoras do lugar.

No final da carta os colonos pedem aos Prefeitos que "não deixem os arquivos, os mapas, os levantamentos e o abaixo-assinado, enfim, tudo que já foi realizado se perder pelas gavetas e ficar esquecidos nos gabinetes. Não façam o povo agricultor simples e pobre, de bobo, como está acontecendo".

141080

Igreja denuncia irregularidades ligadas à terra

Dificuldades em conseguir a terra no Santo Amaro da Imperatriz. De 10 quilos de milho pode-se produzir 60 sacas. Porém, o Sindicato não tem muita força, apesar de ter 5 mil sócios, e só 500 agricultores têm uma participação efetiva.

Além da briga com a família Taborda — explicou — há uma rixa antiga entre o pai e o delegado, fazendo com que surjam pistoleiros armados nas fazendas e os mais prejudicados os agricultores, que nada têm a ver com a situação.

Voltando ao caso mais recente, que está preocupando a todos, o agricultor afirmou que uma comissão de 10 posseiros esteve em recente audiência com o Governador do Estado Jorge Konder Bornhausen.

A conscientização do povo de Campo Erê — conforme descreveu o relator — foi um trabalho sério e silencioso da comunidade de base daquele município. "Ne início, havia um medo, uma desconfiança e ansia de crescer egoisticamente" — segundo ele. As lidranças não faziam nada a não ser para tirar proveito próprio. Os lançadores da nova semente, no entanto, estão sendo mal vistos, taxados de subversivos e comunistas. Mesmo com tantas dificuldades, a ação social da Igreja conseguiu formar 600 grupos de reflexão e reasentou várias famílias de posseiros, despejados há algum tempo.

Outra atividade que teve sucesso foi o Ministério da Caridade: é uma caixa que conta com a colaboração de todos, para os casos de emergência. Muitos já foram salvos e tiveram as despesas hospitalares custeadas por este Ministério, já que não têm assistência nenhuma — informou o relator. O Conselho Pastoral também foi mencionado pelo líder, que explicou como funciona. São 45 pessoas, que abrangem todas as lideranças (escolas, sindicatos, clubes de mães, Igreja e outros) e reúnem-se mensalmente para discutir os problemas prioritários e apresentar alternativas de soluções.

MORRO DO MOCOTO

"As pessoas de alto gabarito não vivem sem o pobre. Se o operário não trabalhar, o pescador não pescar e o agricultor não plantar, elas vão viver de quê? os ricos esquecem que vivem da nossa pobreza e da nossa exploração. Mas um dia sua consciência vai pesar e eles terão que pagar". A afirmação é de uma favelada do Morro do Mocoto, que fica na Grande Florianópolis. Pra ela, a "Operação

através da Federação, negociou as terras com uma ponte que a prefeitura se encarregou de construir. O DNOS está apenas aguardando a assinatura dos proprietários, que concordaram em vendê-las.

OUTRAS EXPERIÊNCIAS

A Igreja Cristo Ressuscitado, de Joinville, que sediou o Encontro, citou como atividade o trabalho de bairro, a terra comunitária, a Pastoral Operária, mútuo, a Pastoral da Terra, o trabalho para conseguir autonomia das comunidades e Pentecostes.

A féira comunitária tem por objetivo eliminar o intermediário e oferecer ao operário verduras e frutas por um preço mais acessível. A paróquia, todas às sextas-feiras, recolhe nas propriedades rurais os produtos e os revende sem visar lucro. Além do preço menor, o operário tem a certeza de estar se alimentando de produtos mais saudáveis, porque não tem tanto inseticida. A féira é ativada por grupos de voluntários, que nada recebem por este trabalho.

XANXERÊ

Em Xanxerê, os índios conseguiram expulsar um chefe da Funai, que oprimia o povo e tentava explorá-lo — falou um índio da tribo Kaingang. A reserva de Xanxerê, segundo ele, tem 15 mil hectares, onde estão 1.890 índios.

A comunidade de base de Xanxerê está desenvolvendo um trabalho de união dos índios, através de roças comunitárias, onde todos plantam, colhem e dividem entre si os resultados.

Além disso, a comunidade conseguiu criar uma associação de criadores de aves, que luta e defende os direitos dos avicultores.

Chapeco faz uma atividade conjunta com Xanxerê e criou 14 mil grupos de reflexão e uma associação de suinocultores. Segundo os chapecoenses, nada é imposto, a organização vem de baixo para cima.

DRACAGEM DO RIO

Em Santo Amaro da Imperatriz, que fica próximo a Capital, a comunidade de base enfrentou um grande problema para conseguir a dragagem do rio que inunda a região, duas, três até quatro vezes ao ano, destruindo 90 por cento das plantações.

Área a ser dragada pertence a um médico, diretor da maternidade, e a um outro amigo do prefeito, que inclusive financiou sua campanha eleitoral — denunciaram os agricultores de Santo Amaro. Segundo eles, nesta área há dois canais, e por isto o prefeito foi protestando a dragagem.

Então — contaram — a comunidade reuniu-se, fez vários abaixo-assinados, e todos os dias mandava duas pessoas diferentes no gabinete do andamento para perguntar-lhe como estava o andamento do processo para desapropriar a área. As informações, segundo eles, eram desmentadas e no dia 25 de julho todos os colonos fizeram uma caminhada até o local, interromperam a estrada com tratores e outras máquinas agrícolas e fizeram uma celebração.

Como o prefeito não se posicionava, a Pastoral da Terra tomou a si o encargo, e

lar e nem qualificação profissional para outras atividades.

Exigimos das autoridades que façam justiça, dando a terra para quem nela trabalha. Que o Inera faça a desapropriação e colocação das famílias o mais cedo possível. E aqui em nosso Estado, não no Acre ou Amazonas.

Por último, como agricultores, perseguidos desta sociedade, assumimos como nossa a luta dos irmãos de Campo Erê por um pedaço de chão.

Nossa aposta é e será a de que seremos vitoriosos.

"A terra é de quem nela trabalha".

A ação foi promovida pelos comunitários das paróquias de Xanxerê, Joinville, Chapeco, Florianópolis, Campo Erê, Santo Amaro e Criciúma.

Na carta, o apoio aos posseiros de Campo Erê

As reuniões das Comunidades de Base, realizadas neste sábado em Joinville, reuniram representantes de 11 comunidades do Estado e também de Acre, São Paulo, Paraná, Mato Grosso do Sul, Goiás e Minas Gerais.

As reuniões estaduais de comunidades de base, realizadas em Joinville, em 1979, foram coordenadas por Valente Loch, presidente da Conferência Nacional de Comunidades de Base, e por Arneling, bispo auxiliar de Joinville.

O encontro foi o primeiro de uma série de reuniões das comunidades de base, que se encerraram em Joinville, onde foi manifestado o apoio aos "nossos irmãos de Campo Erê, da fazenda de Santa Catarina, que estão sendo ex-

pulsos da terra onde, com dificuldades, vivem com suas famílias".

Auto-definidas como "um pequeno grupo de pessoas que se organizam em cima de problemas concretos de comunidade", as comunidades de base, no mesmo documento divulgado ontem, enfatizam que, "através de Cristo, que nasceu pobre e sempre viveu marginalizado pela sociedade de seu tempo", têm por objetivo a luta pela "unidade e organização dos pobres e oprimidos". Essas comunidades, que já somam cerca de 80 mil em todo o país, denunciaram, no encontro de Joinville, "a situação de miséria e opressão em que se encontram grandes parcelas da população de Santa Catarina", particularmente os pequenos agricultores, os colônos sem terra, os posseiros, os

bóias-frias, os operários, os mineiros e os favelados.

É o seguinte o conteúdo da carta enviada às autoridades:

"Nós, membros das Comunidades Eclesiais de Base do Estado de Santa Catarina, reunidos em Joinville nos dias 11 e 12 de outubro, no Encontro Estadual, queremos manifestar nosso apoio e solidariedade aos companheiros, nossos irmãos posseiros de Campo Erê, da fazenda Burro Branco, que estão sendo expulsos da terra onde, com dificuldades, vivem com suas famílias.

Uma família que se diz dona dessa área e que não cultiva aquelas terras quer expulsar e colocar na estrada mais de 200 outras famílias que, vivendo como agricultores, não possuem terra para traba-

har e nem qualificação profissional para outras atividades.

Exigimos das autoridades que façam justiça, dando a terra para quem nela trabalha. Que o Inera faça a desapropriação e colocação das famílias o mais cedo possível. E aqui em nosso Estado, não no Acre ou Amazonas.

Por último, como agricultores, perseguidos desta sociedade, assumimos como nossa a luta dos irmãos de Campo Erê por um pedaço de chão.

Nossa aposta é e será a de que seremos vitoriosos.

"A terra é de quem nela trabalha".

A ação foi promovida pelos comunitários das paróquias de Xanxerê, Joinville, Chapeco, Florianópolis, Campo Erê, Santo Amaro e Criciúma.

A eterna inundação do Rio Cubatão poderá acabar hoje



Danilo e o rio: uma luta de nove anos para evitar que as colheitas sejam inundadas.

Hoje à tarde os agricultores de Santo Amaro da Imperatriz e de Palhoça que plantam às margens do Rio do Braço, esperam ver finalmente solucionado um problema que tentam resolver há mais de nove anos: fazer um canal para este rio desembocar mais suavemente no Rio Cubatão, evitando assim as constantes inundações que acabam com uma boa parte de suas plantações de batata, milho e tomate.

Depois de várias tentativas junto às duas Prefeituras, ao DNOS e a outros órgãos, eles mais uma vez irão, em comitiva, manter uma audiência com o Secretário de Transportes e Obras, marcada para a tarde de hoje. E esperam que ali, depois de exporem todo o problema e os constantes prejuízos a que estão sujeitos, a resposta seja positiva.

INDENIZAÇÃO

Danilo Hermes Meyer é um dos integrantes desta comitiva. Ele veio de Santo Rosa de Lima e mora em Santo Amaro da Imperatriz há aproximadamente 10 anos, onde no momento se prepara para iniciar a plantação de batatas em suas terras. E ele recorda que logo depois de instalar-se na região tiveram início as batalhas para acabar com as inundações das margens do Rio do Braço e Cubatão, de onde todos os agricultores tiram sua sobrevivência.

São cerca de 500 famílias que vivem da cultura de tomate, batata, milho, repolho e feijão. Dependendo da época em que a inundação ocorre, os estragos são maiores ou menores pois

se a plantação já está adiantada ela resiste mais. E se água sobe e logo volta ao seu nível normal não acaba tanto com o milho. Já com a batata e o tomate é suficiente alargar por algumas horas para que tudo esteja perdido. E também não é preciso chover muito, bastam duas horas de "chuva batida", explica Danilo Meyer, para atingir as lavouras.

"O ano que a gente não perde nada é como acertar na loteria esportiva, diz o agricultor, referindo-se às frequentes elevações do nível de água do rio. Isto porque o Rio do Braço, apesar de raso, tem muita força e, ao encontrar-se com as águas do Rio Cubatão, depois de uma curva, entra em sentido contrário e não permite um perfeito escoamento, causando o transbordamento do Cubatão. E esta inundação é mais fácil ainda porque uma das margens é alta e a outra é quase ao nível do rio, jogando toda a água para este lado.

Ali se localizam a maior parte das plantações, uma das principais fontes econômicas dos municípios de Santo Amaro da Imperatriz e Palhoça. E segundo os agricultores da região, a única maneira de acabar com o problema é a construção de um canal que cortará suas propriedades mas fará com que o rio do Braço desemboque num local onde há mais espaço, dificultando as inundações.

O grande obstáculo é a desapropriação destas terras. Uma delas faz parte de uma área de 25 mil metros quadrados e pertence a um médico que, segundo Danilo Meyer, "não vive da agricultura". O outro terreno a

ser atingido pertence a uma outra pessoa que possui ao todo um hectare e meio. A comitiva dos agricultores já foi diversas vezes conversar com os dois proprietários que as vezes concordam e depois já mudam de opinião.

Naqueia é a localização exata para o canal segundo mapeamentos topográfico já realizados pelo DNOS, que também diz que esta é a única maneira de acabar com as inundações. Este órgão, quando consultado, garantiu que, tendo "campo livre, mandam as máquinas", afirma Danilo Meyer. Mas não indenizam as terras.

As duas Prefeituras envolvidas — o canal está localizado em Palhoça mas beneficiará agricultores deste município e principalmente de Santo Amaro da Imperatriz — alegam também a mesma dificuldade: não têm verba para a indenização. E propuseram uma outra alternativa, que sairia mais barata: a construção de uma ponte sobre o canal em vez do pagamento indenização. Mas nem isto o proprietário da maior parte das terras aceitou.

Assim, os agricultores redem-se hoje mais uma vez. Desta vez, para dirigirem-se à Secretaria dos Transportes e Obras. E, se conseguirem que o canal seja construído, eles pretendem aumentar a área de plantio, pois uma boa parte de terra, muito baixa e às margens do rio, não é ocupada para a agricultura. Acrescenta Danilo Meyer: Se nas áreas mais altas da região já é arriscado, imagine nas mais baixas."

Em Palhoça, o prefeito perdeu o juízo e chamou arcebispo de casa da sogra

Sérgio A. F. Rubim

Com ofensas de "cachorro", "sem vergonha" e "cretino" o prefeito de Palhoça Newton José Schwinden recebe, no início de agosto, o presidente da Pastoral da Juventude da Arquidiocese de Florianópolis, Francisco Veríssimo, que havia ido àquela prefeitura para discutir as reivindicações dos pequenos agricultores de Vargem do Braço e Alto Anriú.

Além de agressões físicas a Chiquinho, José Schwinden partiu para ofensas à Igreja, afirmando que a prefeitura não era a "casa da sogra" como o Arcebispo de Florianópolis, onde reside o bispo, D. Afonso Niehues.

"Fiquei boquiaberto com o que saía da boca do prefeito e tentei reagir, mas ele, após estas afirmações vergonhosas, veio com agressões físicas me pegando pelo braço e tentando me colocar à força dentro de seu gabinete".

"COLONO É BURRO"

Dias antes, Chiquinho e mais alguns colonos foram até a prefeitura de Palhoça e entregaram a Schwinden uma carta pedindo a "imediata dragagem do Rio do Braço e do Ribeirão". Esta decisão havia sido tomada pela comunidade, em uma celebração religiosa em homenagem ao "Dia do Colono", quando, após fazerem uma caminhada pelas redondezas, constataram que as enchentes eram o maior problema da região.

"As nossas terras são facilmente inundadas por enchentes provocadas pelos Rios do Braço e Ribeirão. Quando isso acontece, e talvez os senhores não saibam, perdemos dias e até meses de trabalho. Ficamos em dificuldades financeiras. E os bancos não perdoam".

Esta afirmação da carta mostra a dramática situação vivida pelos trabalhadores da região. Mesmo assim, o prefeito Schwinden duvidou que a carta tivesse sido escrita pelos colonos. "Eles não têm capacidade para isso", afirmou o prefeito-va-lentão. A carta era assinada por 55 agricultores.

SESSÃO DE VIOLÊNCIA

Enquanto agredia Chiquinho, Schwinden pegou a carta enviada através de um ofício da Federação dos Trabalhadores da Agricultura em Santa Catarina (FETAESC) e "branco, trêmulo e se babando de nervoso, começou a desmentir os agricultores". Schwinden acusou o Departamento Nacional de Obras e Saneamento (DNOS) de não ter cumprido a sua parte. "Os mapas só chegaram à prefeitura esta semana", afirmava.

O levantamento do DNOS sobre os rios a serem dragados foi entregue, ainda no mês de maio, por Chiquinho e mais 3 colonos em uma reunião na própria prefeitura.

A lembrança deste fato, por Chiquinho, irritou mais o prefeito que, de dedo em riste, mandou-o calar a boca e tentou negar que os agricultores e mais uma comissão de mulheres tivessem estado na prefeitura, com ele.

Durante mais de 10 vezes os colonos estiveram na prefeitura, e também uma comissão de mulheres esteve com Schwinden, em seu palacete, onde conversaram demoradamente sobre o assunto.

"ARCEBISPADO É CASA DA SOGRA"

Após negar tudo isso Schwinden ameaçou Chiquinho, caso ele continuasse a se reunir com os agricultores: "De nada adiantam estas reuniões. Quem tem poder sou eu e as decisões são tomadas por mim. A prefeitura não é a casa da sogra como o Arcebispo de Florianópolis onde tu e o Pe. Edgar fazem o que querem."

"Pedi a ele que ficasse calmo. Que aquelas acusações eram de uma pessoa doente. Tentei pedir que de modo algum envolvesse D. Afonso e o Pe. Edgar nesta questão. Estas pessoas estavam longe dos fatos para serem envolvidas desta maneira".

CATÓLICO NERVOSO

A raiva de Schwinden contra o bispo D. Afonso Niehues é um tanto incompreensível, pois além de ser prefeito de Palhoça, José Schwinden é presidente do Comitê Administrativo Paroquial, cursilista, sempre faz leituras em missas, durante a "Semana da Família", que é uma iniciativa da Arquidiocese, cujo responsável é D. Afonso Niehues.

Além de todas estas demagogias, Schwinden é conhecido pelos seus sermões durante as missas, "em Defesa da Família".

"Percebi claramente qual era a sua intenção: me agredir de todos os modos, já que não poderia enfrentar todos os colonos, e se eu reagisse ele teria motivos para chamar a polícia, que fica ao lado da prefeitura. Porém percebendo sua intenção e não me deixando envolver pelas ameaças de tapas e bofetões, fiquei quieto o tempo inteiro, refletindo sobre a imoralidade de um homem que, pelo cargo que ocupa, deveria se preocupar mais com a causa pública e com a promoção do bem comum".

JUSTIÇA E PAZ CONDENA

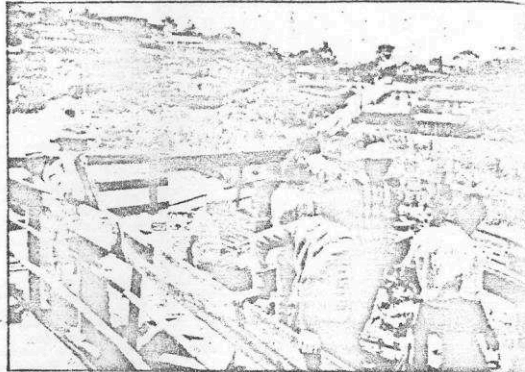
As agressões sofridas pelo presidente da Pastoral da Juventude, Francisco Veríssimo, foram denunciadas à Comissão Regional Justiça e Paz de Santa Catarina que imediatamente se solidarizou com o membro da Comissão Eclesiástica de Base e protestou veementemente contra as arbitrariedades do prefeito.

"A Comissão Justiça e Paz/SC, repudia a atitude do prefeito Schwinden, certamente um produto do regime autoritário, que não ouve o povo, que agride cidadãos, que não tolera a organização popular na luta pelos seus direitos. Mais que agredir o Chiquinho, o truculento prefeito agredia e ameaça toda a comunidade".

Além de protestar contra as agressões, a Comissão Justiça e Paz se colocou ao lado da população de Vargem do Braço e Alto Anriú, "na sua justa reivindicação de obter, pela luta e mobilizações pacíficas, o fim das enchentes da região, que tantos prejuízos causam a toda comunidade".

O ESTADO - Fpolis, 1

Pequenos produtores vendem para consumo de baixa renda



O cercado e o balcão. Mas os produtos são bastante baratos.

Seis produtores agrícolas de Santo Amaro se reuniram para vender frutas, verduras, legumes e laticínios de sua produção no Morro da Caixa da Avenida Ivo Silveira. Eles não tinham muitos recursos, por isso construíram um cercado de madeira que serve de balcão para as vendas. E os preços são bem mais baratos que os praticados no Mercado Público. Isso foi explicado pelo produtor Raimundo Alberto Lopes através da venda direta ao consumidor.

Os moradores do local, contentes por não precisarem sair muito longe de casa para fazer compras aos sábados, ressaltam as vantagens dos baixos preços. João Mana dos Santos Filho, que mora no bairro há alguns

meses, disse que a feira deve continuar, pois tem permitido que as famílias carentes do lugar comprem produtos hortigranjeiros.

Os produtores, por sua vez, licitando à Prefeitura a construção de bancas de madeiras para o trabalho. A área disponível nas proximidades da Igreja, o entusiasmo é geral.

Aos sábados, das 7h das 11h30min, os produtores de Santo Amaro, que se reuniram normalmente para avaliar o trabalho de suas mercadorias. Sabendo que o repolho era vendido a 10,00 cada, o alface Cr\$ 20,00 a unidade, a couve Cr\$ 20,00 a unidade, e o milho Cr\$ 75,00 a dúzia.

ELEGAN
MAC

VESTE A FA
JNTEIRA

Jerônimo Coelho, 1

H

ame

Agrotóxicos lançados em riacho perto c

Texto Paulo Prado
Fotos Tarcísio Mattos

Agricultores do Sul do Rio, no município de Santo Amaro da Imperatriz, lançaram dezenas de embalagens plásticas e de papelão que continham agrotóxicos em um ribeirão que desagua no Cubatão. O local do despejo fica logo abaixo de Píloes, adutora que abastece a Capital. Certamente a contaminação já atingiu a região do baixo Cubatão, um "criadouro natural de várias espécies, como peixes e camarão". Eles alegam que os agrônomos nunca os alertaram para os perigos dos "remédios da lavoura".

Tomate, repolho, vagem e batata são algumas culturas que começaram a ser colhidas nesta época. A exemplo de anos anteriores, verifica-se na Grande Florianópolis, nos municípios tradicionalmente produtores agrícolas, diversos problemas graves na saúde da população, consequência do uso indiscriminado de defensivos agrícolas, também chamados agrotóxicos.

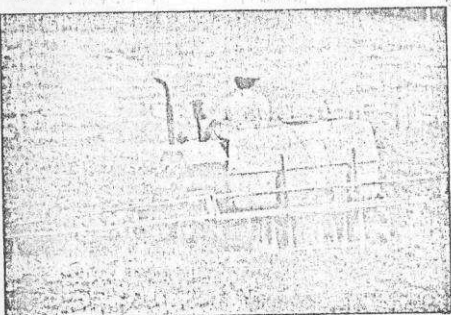
Involucros de Dithane M-45 (fungicida superior) e de Manzate D (fungicida com sal de zinco) podem ser observados às margens e dentro de um nacho na localidade de Sul do Rio, distante cerca de 40 minutos de automóvel da Capital. Colônias produtoras de tomate, pimentão, batata, repolho e vagem, abastecedoras do mercado de Florianópolis, após usarem os produtos, lançaram os pacotes no riozinho.

"Todo mundo joga", diz a agricultora Elisabet Hermes Mayer, enquanto cuida de sua plantação de tomates. Viúva, de 56 anos de idade, mãe de quatro filhos, ela explica que não sabia dos perigos de tal prática. Perguntada se o engenheiro agrônomo, extensionista rural, não havia dado instruções a este respeito, ela informou: "Não, ele nunca disse nada. Para ele vir aqui e uma dificuldade. O dever dele era orientar o pessoal. Mas a gente tem de correr atrás dele quando surge algum problema. Não sei se é muito serviço ou preguiça!".

Ela não é a primeira pessoa que trabalha com defensivos agrícolas que diz desconhecer os perigos de lançar as embalagens em rios ou de usar os agrotóxicos sem os cuidados e proteções necessárias. No Município de Alfredo Wagner, em março, cerca de quatro casos de intoxicação por "remédios da lavoura" eram registrados semanalmente, segundo dados do farmacêutico Norberto Wagner.

Atendendo colônias de diversos municípios, o farmacêutico Norberto Wagner explica que a maioria dos intoxicados alegam desconhecer os perigos destas substâncias químicas; ou simplesmente não acreditam que podem até matar com o tempo: "Os colônias pensam que por terem um corpo bem nutrido, acostumados ao árduo trabalho no campo, estão imunes à ação dos defensivos agrícolas".

Mas ninguém é imune a eles. A ação residual dos agrotóxicos é violenta. As "diarreias varinosas" (feridas localizadas principalmente nas pernas que levam anos para cicatrizar, quando cicatrizam) e dores de cabeça; problemas respirató-



Os agricultores reclamam que não foram alertados pelos agrônomos.

rios, gástricos e circulatorios são alguns dos males destes "remédios" ao passar do tempo. Isto quando não apressam a morte.

MALES

Danião Hermes Mayer, agricultor do Sul do Rio, aos 32 anos de idade já sente os efeitos da ação residual dos defensivos agrícolas. Casado, pai de três filhos, sua resistência física foi minada. "Ele já não pode mais passar os remédios com aquele aparelho nas costas. Da um tipo de arrebentação na pele, uma alergia que faz ele ficar mal, na cama", informa sua mãe.

Assim, quem pulveriza as lavouras de tomate com o referido aparelho é um empregado: "O camarada passa o fungicida". Mas o agricultor de 32 anos agora comprou um pequeno trator, com o qual aplica defensivos agrícolas na plantação de batatas. Enquanto expurga a lavoura, contra o vento, forma-se uma nuvem de fungicida. Ele não tem nenhuma proteção. Não usa máscara, nem sequer um calçado para proteger os pés. A nuvem eleva-se atingindo a flora e a fauna do lugar. Devido à pirâmide alimentar, as moléculas dos venenos acabam sendo transferidas para seres vivos de outras localidades a muitos quilômetros de distância.

Através da contaminação da água (sem falar nos alimentos) as populações que se localizam rio abaixo continuam a sofrer a ação residual. O Rio Cubatão desagua no mar depois de levar consigo o lixo tóxico lançado pelos agricultores. Na desembocadura do rio, há um mangue, considerado criadouro de muitas espécies, como tainhas, siris e camarões. Os pescadores se alimentam deles e também se contaminam. O grande perigo são os lançamentos de embalagens e enstradas acima de Píloes, ou rio Vagem do Braço, que abastece Florianópolis.

ALIMENTOS

Sul do Rio é uma extensa planície no município de Santo Amaro da Imperatriz. É banhada por dois rios principais, Cubatão e Rio Vagem do Braço (Píloes), além de pequenos outros cursos d'água que desaguam nos principais. Os moradores são colônias estabelecidas em pequenas propriedades produtoras de hortaliças, legumes e cereais vendidos em Florianópolis, nas feiras-livres ou na Ceasa.

Em menor quantidade na Ceasa, segundo a agricultora Elisabet Mayer que tem 100 sacos de batatas de muda apodrecendo em sua propriedade por falta de comercialização: "Na Ceasa esta sempre entupido de mercadorias, eles passam muito de Curitiba. Hoje eles não querem nem saber de batata. Esses tubarão são vivo. Seguram o preço para ver se a gente arranca barato".

Depois de perder a saúde aplicando agrotóxicos uma vez por semana na plantação, o colono Danião não consegue vender sua produção por causa dos baixos preços. Assim as batatas ficam apodrecendo na terra, pois "não compensa tirar". E, na Capital, um supermercado está vendendo o produto a R\$ 90 o quilo.

PERIGO!

O fabricante do Dithane M-45 — a multinacional Rohm Haas Brasil Ltda. — explica na embalagem que o produto é compatível com a maioria dos inseticidas, acaricidas, adubos e antibióticos. Ele, que não é dos mais fortes, pode causar irritação no nariz, garganta, olhos e pele. Bem como tumores nas axilas e atrás da orelha, devido a sensibilidade da pele. Não devem ser armazenados em

caixas abertas. Destruir e enterrar as embalagens vazias. É utilizado pelos colônias para acabar com "pinta preta" e "rqueizina" que atacam a batata.

O Manzate D — fungicida com sal de zinco — contém o dióxido de boro. Esta substância provoca irritação nas mucosas, causando faringite, rinite, laringite, traqueobronquite e conjuntivite. Em contato prolongado com a pele

podem causar dermatite. Em caso de ingestão causa irritação da mucosa gástrica, com ardor epigástrico, náuseas e vômitos. E diz o fabricante, outra multinacional, a Du Pont do Brasil S/A: "Não lince restos do produto, nem limpe equipamentos usados, em mananciais de água de qualquer natureza ou junto a poços de água potável. Inutilize e entere as embalagens vazias".

MEIO AMBIENTE

Casan nega contaminação da adutora de Pilões Mas despejo preocupa

"A água da Casan que abastece a Grande Florianópolis está inteiramente fora do alcance dos despejos de agrotóxicos e portanto, não está ameaçada".

A afirmação é do assessor técnico da Casan, engenheiro Mário Francisco Meyer, ao referir-se à matéria publicada na edição de ontem em O ESTADO, dando conta de que a água que abastece a Capital do Estado estaria ameaçada em razão dos despejos de agrotóxicos no Rio Cubatão. Salienta Mário Meyer que "o ponto de captação da água, no Rio Vargem do Braço (manancial que abastece toda a região da Grande Florianópolis) está situado na localidade de Pilões (como aliás, popularmente chama-se o rio). Esta captação — prossegue — está numa área de difícil acesso, na cota de 236 metros acima do nível do mar, bem a montante do local dos despejos, que aliás, são feitos em outro rio que não o que abastece a Cidade".

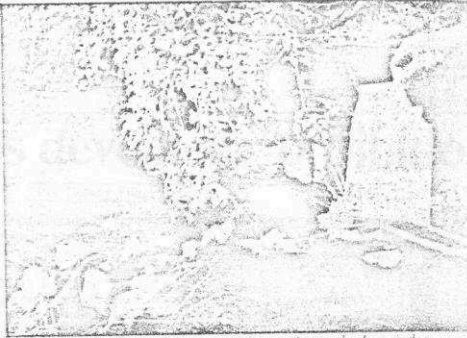
BEM FISCALIZADA

O engenheiro Mário Meyer disse ainda que a água utilizada pela Casan para abastecer a Capital e região da Grande Florianópolis não está ameaçada. Garantiu que "à Casan cabe no momento esclarecer e desmentir a informação desta possível contaminação. A população pode ficar tranquila, pois não há nenhum risco".

Explicando a captação, Mário Meyer falou que "a área onde ela é efetuada, no Rio Vargem do Braço, bem como toda a bacia contribuinte em relação a este ponto, é altamente protegida, seja através da própria área e do esquema de segurança da Casan, ou de um controle rigoroso e permanente da qualidade das águas feito por intermédio de exames laboratoriais diários (análises físico-químico-bacteriológicas) e ainda por exames especiais para detecção de poluição de qualquer espécie, principalmente de pesticidas".

PROVIDÊNCIA

A Companhia Catarinense de Águas e Saneamento, que já tem projetada a utilização do Rio Cubatão para futuro manancial para abastecer a Grande Florianópolis, paralelamente ao Rio Vargem do Braço,



O problema é saber onde os agrotóxicos estão sendo despejados.

Preocupados com as freqüentes denúncias de uso excessivo e inadequado de agrotóxicos (ou defensivos agrícolas) que põem em risco a vida de pessoas, animais e vegetais, técnicos de diversas instituições vão se reunir no próximo dia 6 de agosto, em Florianópolis. Eles pretendem traçar metas de atuação no combate a estes problemas. Uma das ações poderá ser o mapeamento e futura fiscalização de todas as nascentes que abastecem com água a Grande Florianópolis.

As seguintes instituições estão envolvidas: Fatma, Açoreo, Empasa, Secretaria da Saúde, Casan, Dasp, Cepa e Associação dos Engenheiros Agrônomos. Os técnicos destas entidades querem combater as causas das freqüentes doenças de cursos d'água, alimentos, peixes e animais com pesticidas, praguicidas e fungicidas, entre outros "remédios da lavoura".

LEGISLAÇÃO

Em recente decreto, o Governo do Rio Grande do Sul proibiu a utilização de defensivos agrícolas classificados "em todo o território do Estado". "O descumprimento das disposições do presente Decreto sujeitam o infrator às penalidades previstas na Lei Federal n.º 6.437, de 20 de agosto de 1977".

Com base neste trabalho no Estado vizinho, que definiu uma legislação específica bem como uma forma de fiscalização, os técnicos pretendem começar a discutir o assunto. Segundo a bióloga

pensa, todavia, que os órgãos competentes (já que a Casan não tem poder de fiscalizar os mananciais) têm que atuar coibindo abusos desta natureza, como os despejos de agrotóxicos no Rio Cubatão.

"Aliás, não só o Rio Cubatão, mas todos os mananciais, deveriam ser

Leda Famaer, da Fatma, há a necessidade de uma legislação em Santa Catarina que defina competência e estabelecendo penalidades aos infratores, embora a nova legislação tenha de ser submetida ao Conselho Federal em vigor.

Métodos pedagógicos também estão nos planos dos técnicos. Já existe uma cartilha sobre o uso dos defensivos agrícolas, usada pelos extensionistas rurais. Porém existe a necessidade do desenvolvimento de atividades didático-pedagógicas que permitam o ensino de métodos técnicos e práticas antipoluentes.

Na edição de ontem de O ESTADO, foi mostrado o uso inadequado de defensivos agrícolas, usada pelos extensionistas rurais. Porém existe a necessidade do desenvolvimento de atividades didático-pedagógicas que permitam o ensino de métodos técnicos e práticas antipoluentes.

Na edição de ontem de O ESTADO, foi mostrado o uso inadequado de defensivos agrícolas, usada pelos extensionistas rurais. Porém existe a necessidade do desenvolvimento de atividades didático-pedagógicas que permitam o ensino de métodos técnicos e práticas antipoluentes.

fiscalizados com rigor para se evitar os despejos de qualquer natureza", conclui Mário Meyer. "Atualmente, os despejos podem comprometer a saúde da população que se utiliza do retamente dos rios, como o Rio Cubatão das pessoas que reclamam a contaminação".

Baleias que apareceram na Barra estavam em extinção

As baleias de cerca de 18 metros fotografadas recentemente, bem como a que ficou presa em uma rede na praia de Bica-cambique, na Barra da Lagoa, pertencem a uma espécie que estava em extinção.



BI

O jovem, de 22 anos, de região de Pólis, foi baleado e ferido. O jovem, que ontem, em uma ponte em Pólis, foi baleado e ferido. O jovem, que ontem, em uma ponte em Pólis, foi baleado e ferido.

TIRO

O jovem, que ontem, em uma ponte em Pólis, foi baleado e ferido. O jovem, que ontem, em uma ponte em Pólis, foi baleado e ferido.

denúncia

depredação

do PMD

O jovem, que ontem, em uma ponte em Pólis, foi baleado e ferido. O jovem, que ontem, em uma ponte em Pólis, foi baleado e ferido.

que leva

aquecer

des em

plantações

da seca

de adquirir

de Ceará e

tercio de Pe

em registros

incidente ocor

mas as infor

da Federaçã

tura de Fern

os que cerca

lanças de em

e com tome

verno do E st

onio de eugr

ra Pa Jettia

ocial e mas

osto de fugi

ou de pater

inguação e

Os defensivos devem ser proibidos?

Por Doracy Engel

A decisão tomada pelas Secretarias da Agricultura e da Saúde do Rio Grande do Sul proibindo o uso de 18 marcas de defensivos agrícolas naquele Estado reabriu a discussão sobre o problema da poluição por defensivos em Santa Catarina. As opiniões se dividem. De um lado, aqueles que defendem a adoção de medidas similares em Santa Catarina e de outro, os que consideram a proibição "uma jogada política", evocando a legislação que orienta o uso dos defensivos mais tóxicos, especialmente, os clorados. Para eles, se forem cumpridas as leis e as instruções do registro de cada produto, não haverá problema com o meio ambiente.

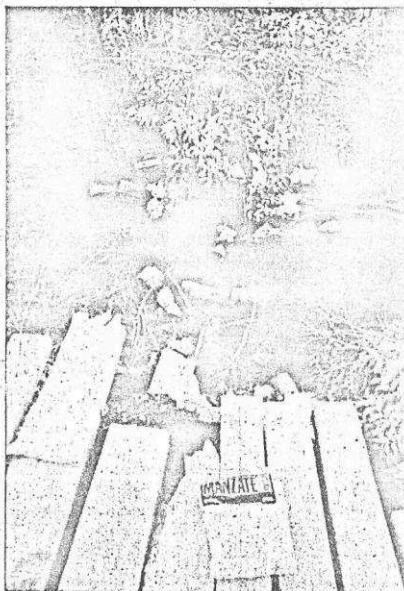
DECONHECIMENTO

Embora o presidente do Grupo Estadual de Defensivos Agrícolas (Geda) afirme que o problema dos defensivos em Santa Catarina não é tão crucial como no Rio Grande do Sul, o que se verifica entre os técnicos do setor é o completo desconhecimento da situação. Há, ou não, poluição por defensivos agrícolas no Estado?

O único trabalho que se tem conhecido nesta área foi realizado há mais de dois anos pelo Chefe do Laboratório da Fatma, Domingos Alberto Rocco. Trata-se de um levantamento preliminar e ele próprio reco-

nhece que está desatualizado e que foi feito de maneira superficial. "Este trabalho foi encomendado pela Casan para atender a uma exigência legal, ou seja, o BNH somente liberaria recursos se fosse comprovada a qualidade dos mananciais dos quais a Casan se serve". Ele diz que não encontrou índices elevados de poluição, uma vez, que foi coletada apenas a água, quando deveria ser analisado também o lodo, a cadeia alimentar, etc. "Colelar a água, depois de uma chuva quando o defensivo já se acumulou no lodo não irá indicar nada", concluiu. Para ele, a análise deve levar em conta uma série de fatores, como o tipo de relevo, tipo de cultura e o grau de conhecimento da situação que muda de um dia para o outro.

O presidente da Associação dos Engenheiros Agrônimos de Santa Catarina (Asease) concorda com a proibição de alguns defensivos e já levou o problema à Fundação de Amparo à Tecnologia e Meio Ambiente (Fatma) para que diversos órgãos ligados à agricultura e saúde façam um diagnóstico completo da situação no Estado. A Fatma, por sua vez, pretende realizar um levantamento dos defensivos usados no Estado e operacionalizar o sistema de fiscalização do uso indiscriminado de agrotóxicos.



Restos de defensivos na água: ninguém sabe até que ponto a contaminação chegou.

BIBLIOGRAFIA

PEREIRA, Moacir. Aspectos da realidade política de Santa Catarina. Curso sobre Análise Catarinense Regional Sul IV - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil).